

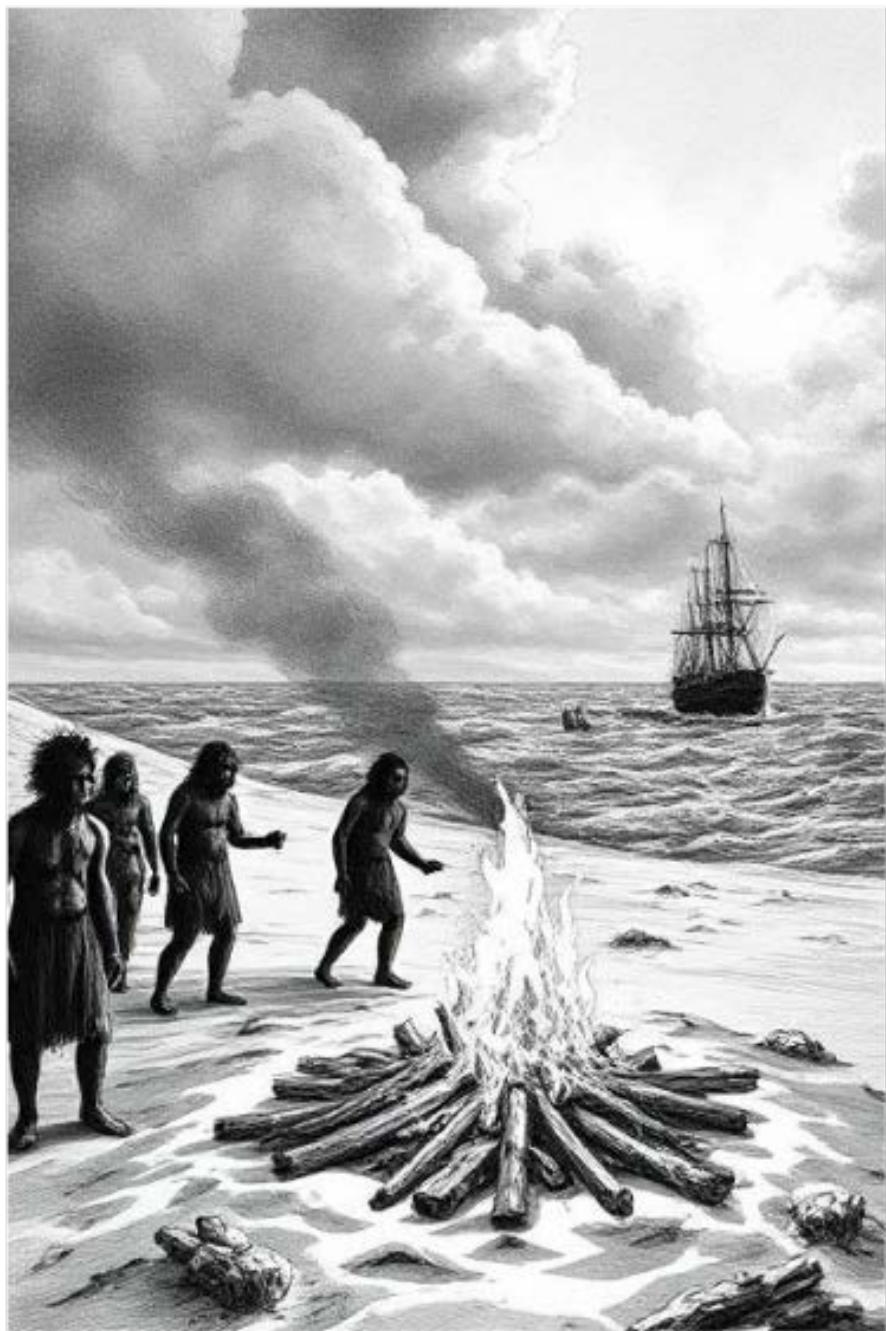


Contos do Tempo E Da Terra Do Fogo E Mar

Ricardo Pegorini



OLHO DE PAN
EDITORIA



Contos do Tempo e Da Terra, do Fogo e Do Mar
é uma publicação independente da
Editora Olho de Pan.
Projeto Gráfico Joe Alvez
Diagramação Joe Alvez

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pegorini, Ricardo Lisboa

Contos do tempo e da terra, do fogo e do mar /
Ricardo Lisboa Pegorini. -- Porto Alegre, RS :
Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-69509-9

1. Contos brasileiros I. Título.

25-301930.0

CDD-B869.3

Contos
do Tempo
E Da
Terra
Do Fogo
E Do
Mar

INDICE

Apresentação.....	6
Um dia diferente.....	9
Lágrimas na chuva.....	11
Miramarianas 1 O que perdemos mesmo?.....	14
Miramarianas 2 As Matines de domingo.....	21
A aposta.....	28
Aqui dentro.....	30
Soneto.....	31
Um homem, uma mulher, um batom.....	32
A cor que faltava.....	34
A Nau dos Loucos.....	37
A falta que faz uma cabeça.....	40
O Homem que virou fumaça.....	43
Bom dia I.....	47
Bom dia II.....	50
Bom dia III.....	53
Contos do Tempo e da Terra, do Fogo e do Mar.....	59
O Tempo de Cada Um e o Tempo de Todos Nós.....	66
Xeque-mate do louco.....	70
As Canções de Aedo.....	74
Kon-Tiki e as ideias que nos movem.....	79
Gustavo e Aline.....	85
Saiu para comprar um peru e voltou com uma estátua.....	90
Aconteceu depois do Natal.....	95
Bolt, Isadora e Isabel.....	98
Shisha no kiteki.....	102
Baderna.....	107
Fácil.....	112
Sintra.....	113
A Sombra.....	116
A fortaleza de Weinsberg.....	123
Sem carona.....	130

*Dedico essa publicação a meus amados filhos Caio e
Betina, que inspiraram e continuam inspirando os
meus melhores sentimentos e palavras, e à minha
querida esposa, Maria Tereza, que sempre apoiou e
continua apoiando a minha carreira literária.*

APRESENTAÇÃO

Nesta coletânea, Ricardo Pegorini explora com rigor literário e imaginação poética os territórios onde se encontram o real e o simbólico. Contos do tempo e da terra, do fogo e do mar é mais que uma simples reunião de narrativas: é um painel multifacetado da experiência humana, disposto como um atlas de emoções, memórias e mitos pessoais. Os contos não obedecem a uma linha única, mas constroem, em conjunto, um tecido onde o instante se converte em eternidade e o ordinário ganha contornos épicos ou fantásticos. Do humor sutil à reflexão filosófica, da crônica cotidiana à fábula existencial, a obra se erige como convite ao leitor contemporâneo a revisitar as forças elementares — tempo, terra, fogo e mar — que continuam a reger nossas vidas. Trata-se de literatura que arrisca, que desafia fronteiras de gênero, e que, ao mesmo tempo, preserva uma voz própria: crítica, sensível e profundamente humana.

O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrebatava, mas eu sou o rio; é um tigre que me destrói, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo.”

— Jorge Luis Borges

Um Dia Diferente

Quando abri os olhos pela manhã, não poderia supor que meu dia seria tão diferente dos outros.

Uma cadeira da sala de jantar veio boiando me dar bom dia e o resto dos móveis pairavam no universo hídrico em que a casa tinha se transformado. A cama em que dormi ainda permanecia presa no chão, mas parecia disposta a se juntar aos navegantes caseiros, lençóis e colcha a servir de velas nesse momento fantástico e assustador. Procurei os chinelos para calçar, mas, ora, esses já tinham me abandonado durante a madrugada, desertores fugidios na corrente-

za, que foi levando tudo que não tinha peso e maldade em plena tempestade.

Então enfiei as pernas na água marrom e caminhei, protestando aos céus trovejantes, em direção à cozinha, onde fui testemunhar o prejuízo geral, iniciando pela geladeira náufraga,ilhada entre os pesados armários que resistiam bravamente no meio da água barrenta e fétida. Fogão, mesa, botijão, pia, todos parecendo sobreviventes do caos, sujos e manchados de vergonha por estarem tão desprovidos de alma e encanto na sua humilde serventia. Não há como culpá-los - e nem se tratava de culpado o que eu procurava nesse momento. Procurava uma razão, um porquê, um como, um sentido que fizesse tudo isso reabilitar um lugar na lógica dos fatos.

Não encontraria nada na cozinha que assumisse essa posição esclarecedora, então me dirigi à sala. Ou ao que antes tinha a função de uma sala antes de se transformar num lago. Poder-se-ia utilizar o termo “plúmbeo” nessa situação, uma palavra que sempre quis alojar numa frase bonita, mas ela agora se transformara numa qualidade estética onipresente em todas as cores da manhã, dos objetos, dos animais, dos humanos e dos sentimentos daquele momento.

Plúmbea se transformara numa qualidade universal presente na cor dos desamores, do descarinho, da desesperança, do espírito infringente da desassistência e da desprovidência, geradora de novos significantes e significados para quem já tinha pouco e esse pouco lhe foi retirado numa noite de chuva teimosa e insensível.

Assim começou um dia diferente de todos os outros.

Lágrimas Na Chuva

2019. Futuro. O palco é o terraço de um edifício eternamente encharcado pela chuva ácida. Roy puxa Deckard da morte para um último emocionante monólogo, tido como uma das cenas mais lindas de todos os tempos na arte do cinema. O androide matador salva e perdoa o humano que matou a sua “amada”. E a reflexão que uma máquina faz, capaz de sintetizar a verdade das verdades no seu derradeiro encanto diante da vida, é o núcleo filosófico que sustenta a grandiosidade de uma obra iniciada num livro de Philip K. Dick e que se expandiu para as telas do nosso pensamento.

Eu vi coisas que as pessoas não acreditariam. Naves de ataque ardendo em chamas nas fronteiras de Orion. Eu vi Raios-C cintilando na escuridão junto ao Portal de Ta-

nhäuser. Todos esses momentos vão se perder no tempo ...

A Poesia... ah, a poesia entra em cena para nos ajudar a compreender a realidade de uma maneira menos dolorosa e menos desumana...

... como lágrimas na chuva.

E a brutal conformidade diante do inevitável.

... Tempo de morrer.

2024. Presente. Brasil. Rio Grande do Sul. Não deixe que os números o distraiam do assunto principal. O ano é posterior ao de Blade Runner, mas a miséria das pessoas que aqui sofrem sobrevive graças ao passado desprovido das aprendizagens que a história nos deixa. Milhões de metros cúbicos de água suja invadindo lares e empresas, assustando velhos, adultos e crianças, encurralando famílias, cachorros e cavalos nos telhados, entupindo as artérias de bairros e cidades inteiras, enlameando as articulações de máquinas e humanos, nocauteando a esperança recém reformada de um povo já suficientemente esmurrado pelas recentes tempestades. Dezenas de providências não tomadas agora assombram o futuro e a história de tanta gente.

Ainda hoje se pode encontrar testemunhas vivas de outra tragédia modelar, ocorrida em 1941. Mas para incontáveis famílias, a perda, além de material, é de foro íntimo: foram-se nessas águas enlameadas os elos com o passado: não haverá fotografias de seus pais, de seus avós, de seus vizinhos, de seus amigos, de seus aniversários, de seus passeios, de suas viagens, de seus casamentos, de seus nascimentos, de seus funerais, de seus batizados, de suas conquistas, de suas tragédias, de seus amores, de seus noivos, de seus desafetos rasgados no retrato, de suas esposas grávidas e de seus filhos recém-nascidos, dos campeonatos

de judô, das paisagens dos mirantes no morro, dos encontros na pizzaria, das formaturas da sobrinha, do filho e dos netos. Retratos, fotografias, registros, certidões, tudo foi levado e lavado até a completa dissolução. Acontece com esses pedacinhos de vidas como acontece nos recantos das memórias esquecidas, como acontece nos últimos suspiros de Roy. Como lágrimas na chuva.

Miramarianas 1 O Que Perdemos Mesmo?

Para as gerações que só conhecem cinemas em *shoppings*, entendo que deve ser um pouco difícil imaginar como seria frequentar um cinema de bairro nos anos 1970. Naquela época – nossa, como me sinto velho falando desse jeito —, os cinemas eram prédios monumentais, imponentes, impactantes, engenhosamente projetados para acomodar inimagináveis multidões para as nossas percepções atuais. Chegava a se reunir, numa só sessão, mais de mil corações ávidos por momentos intensos, recheados com aventuras, romances, gargalhadas, ternura, tristeza e qualquer enternecimento emocional ilusório, obviamente e ne-

cessariamente deslumbrante.

Eu sei, isso ainda existe. Mas deixem-me explicar: perdeu-se, na névoa da modernice, a antiga escala populacional das salas gigantescas, completamente lotadas e pulando no mesmo ritmo acelerado. Isso se via nas exhibições de filmes bombasticamente populares, tais como as produções de Teixeira, Os Trapalhões, Mazzaropi, Xuxa e outras celebridades popularescas. Esses eram os campeões de bilheteria daquele tempo, arrebatando multidões e produzindo filas que dobravam esquinas nas calçadas dos cinemas de bairro de Porto Alegre há cinquenta anos.

Abrigando a fabulosa ansiedade dessas plateias, salas de espera fantásticas, com espelhos fartos, cartazes e fotografias cinematográficas esbanjando glamour e devaneios pubescentes. Um premeditado clima romântico obviamente espetaculoso suspirado das paredes, dos tapetes, das cortinas vermelhas, do mobiliário vintage, perfumado com trilhas musicais que consagraram um estilo peculiar apelidado pela nossa geração de “música de sala de espera de cinema”. Para acomodar a emocionada paciência do aguardo pela abertura da sala de projeção, sofás sofisticados e modernosos cumpriam um confortável deleite ao alcance dos primeiros espectadores a invadir os recintos majestosos. Charmosas bomboniéres abriam uma perspectiva de guloseimas que atendia desde o namorado gentil — proporcionando-lhe mais uma oportunidade para melhor seduzir a convidada —, até a vovó solícita com os netinhos e o brigadiano de folga acarinhando a patroa, entre tantas vontades momentaneamente contidas nesse momento de expectativas.

Enfim, abrem-se as portas e o acesso ao interior do cinema é permitido. Nas matinés havia uma escandalosa

correria para a conquista dos melhores lugares, mas vou deixar para abordar a nostalgia completa sobre as matinês de domingo em uma próxima crônica das Miramarianas. Basta descrever que, fosse qual fosse a sessão, o coração batia mais forte nesse instante, encantamento que nos foi surrupiado pela frieza da atualidade. Eis aqui outra diferença fundamental entre as épocas. Haverá muitas outras, como veremos a seguir.

É preciso alertar, também, que a luz da sala permanecia acesa até mesmo durante os trailers e propagandas iniciais e que, diferentemente de hoje, após o apagar dessas luzes havia um funcionário destinado a conduzir os espectadores retardatários até os assentos (não havia reserva de lugares) e ali os deixava devidamente acomodados. Eram os lanterninhas, verdadeiros anjos da escuridão que humanizavam um pouco a permanência nesse mágico espaço. Um bom lanterninha distinguia-se pela atenção obstinada e pela agilidade felina ao atender as pessoas que vinham acostumadas com a sala iluminada e entravam praticamente cegas nas trevas do grande salão. Em segundos, o faixo da lanterna era acionado e desenhava o caminho até as melhores cadeiras disponíveis. Hoje? Safe-se você mesmo e tropece até encontrar a letra e o número dos assentos reservados.

Toda essa atmosfera nostálgica era preparada para produzir um embevecimento que ia se apoderando dos espíritos dos casaizinhos e seus encontros faceiros no escurinho da felicidade. Quando a namorada declarava o seu desejo de ir ao cinema ao parceiro e escolhia a sala de projeção como palco para o joguinho esperto de ataque e defesa, com a previsível conquista consentida nas cadeiras bem juntinhas, tudo já estava premeditado. Embora ninguém precisasse combinar nada, o *script* era seguido fielmente, sem necessidade de decorar nenhum ato. Afinal, improvisar é

saborear a vida. De parte a parte, um delicioso pacto de sonhos e amassos comportados, ou nem tanto, rolava nos momentos mais apropriados entre as duas horas do filme.

Até que a cortina fechasse e se iniciasse o intervalo entre as sessões. Acho que é preciso informar outra peculiaridade das sessões noturnas em cinemas de bairro: de segunda a domingo, você pagava um ingresso e assistia a dois filmes diferentes. Começando o primeiro filme às 20h e o segundo às 22h, tendo um intervalo de 15 minutos entre os dois filmes. Então, havia um “armistício” sempre à vista pelos participantes dos encontros amorosos. O bom conquistador sabia sempre identificar as subseqüentes etapas da narrativa geral de todo e qualquer filme dessa linha de produção, admiravelmente previsível no seu enredo: mocinho chega, se apaixona, leva uma tunda dos bandidos no meio do filme, volta, se vinga e fica com a mocinha. Vai embora rumo ao infinito emoldurado pelo pôr do sol, mocinha na garupa, montado no puro sangue que ganhou do camarada índio. Esse era o momento de se recompor e revirar os bolsos em busca dos trocados para as balinhas. Na segunda sessão, ora vejam, o enredo era exatamente igual, só que ambientado nos cenários de Hong Kong e falado em chinês. Então, o cronômetro interno da rapsódia amorosa voltava a se mover até a partida do mocinho de olhos puxados nos créditos finais. Os frequentadores das sessões noturnas desenvolviam um *timing* perfeitamente ajustado aos enredos dessas películas.

A programação classe B dos cinemas de bairro cumpria fielmente a preferência do público médio da região, combinando principalmente faroestes com “filmes de kung-fu”. É preciso mencionar que havia produção industrial desses gêneros pelo mundo: os spaghetti westerns, filmados com astros americanos, equipe e figuração italiana nos

vales espanhóis da Múrcia, e os filmes de artes marciais, produzidos em série nos estúdios de Hong Kong, representando os mais populares gêneros dos cinemas de calçada (assim chamados atualmente). Então, não por acaso as salas de exibição dispunham de um cardápio que as suas plateias, de certa forma, eram “obrigadas” a consumir. No Brasil, para concorrer com essa demanda, a indústria cultural desovou milhares de filmes de pornochanchada (ingênuos se comparados com os padrões atuais) gravados no núcleo paulista e, mesmo assim, nesse ambiente saturado de produções rápidas e baratas, gerou inúmeras obras nacionais de grande qualidade como Dona Flor, Lúcio Flávio, Macunaíma, e tantas outras que atestam a pujança do cinema nacional da época. Na lógica da linha de distribuição, comandada pela associação portoalegrense de distribuidores de filmes, os cinemas do centro da cidade recebiam sempre em primeira mão os melhores e mais importantes filmes. Passadas várias semanas em exibição nos cinemas centrais, depois de passada a novidade e o filme gerando pouca bilheteria, era destinado aos cinemas de bairro. Assim aconteceu com Tubarão, Exorcista, Contatos Imediatos de 3º Grau, O Poderoso Chefão e todos os grandes lançamentos.

Os cinemas periféricos aglutinavam um turbilhão de desejos, mas nem todos eram interesses sadios e civilizados — é preciso registrar com um pouco de acanhamento, mas indispensável sinceridade. Nesse ambiente sombrio, próprio para as divagações de encantamento, infiltravam-se também as ações das deformidades humanas: pilantras especializados em furtos, aliciadores de menores e aproveitadores da prostituição, entre tantos casos patológicos mentais, sorrateiramente presentes e clandestinos da vigilância moral. Sem dúvida, em qualquer ambiente haverá sempre quem se aproveite das suas características favoráveis para

alimentar a sua doença. Infelizmente.

Nem só de encontros amorosos e perversões viviam os bolsos dos donos de cinema. Lembro também das turmas de estudantes matando aula, guardas e militares em noites de folga — às vezes com as patroas, às vezes com os filhos —, amigos, apaixonados pela sétima arte e outros tantos habitantes da noite que faziam do cinema um ambiente de encontro, de diversão ou de recolhimento. Tão longa poderia ser essa a tipologia de frequentadores quanto poderiam ser as personalidades de cada bairro, com seus comportamentos enigmáticos, suas trágicas e cômicas histórias pessoais, seus mistérios familiares, seus propósitos obscuros e seus pretensos códigos de honra. O cinema de bairro, como uma família, abrigava a todos, assim como embrulhava tantos e tão fascinantes sonhos. Posso aqui testemunhar a perda de um sentimento de cumplicidade fraternal entre assistentes dos cinemas de bairro, que não existe hoje em dia nos cinemas de shopping. Naqueles ambientes, os frequentadores eram praticamente sempre os mesmos, reunindo-se casualmente conforme os horários de folga e interesses em determinados gêneros de filmes. Assim, com o passar dos anos formava-se uma irmandade, um comportamento social compartilhado desde a fila na calçada, passando pelo pipoqueiro da esquina, no olhar maravilhado com os cartazes e na excitação trocada nos bancos da sala de espera até a compra das balinhas e refrigerantes no intervalo dos filmes. Ali era possível conversar com moradores da sua rua, do seu quarteirão, do seu universo de interesses mundanos. Ali era possível saber, por exemplo, que o cachorrinho de Jacira havia fugido de casa. E agora tínhamos, em plena sala de espera do cinema, uma ampla patrulha de vizinhos preparando-se para ajudar Jacira a encontrar seu amiguinho de quatro patas. Que Manoel separara-se da mulher e

agora precisava de uma nova companhia: a conversa girava então em torno da busca pela parceira ideal para Manoel; e muitos outros tipos de conagração público comunitário com as suas importantes pequenezas e suas fúteis grandezas. Em síntese: perdeu-se um local não só de divertimento, mas uma oportunidade de compartilhar humanidade, amor e companheirismo na periferia da cidade. Saudades desses espaços públicos de encantamento e diversão, nos quais os corações das pessoas alimentavam-se não só de sonhos, mas também de empatia e interesse pelos seus vizinhos e parceiros de bairro, suas virtudes e fraquezas cotidianas. Para quem conheceu esses tempos, essa é a grande perda.

Miramarianas 2

As Matinés De Domingo

Todo idoso um dia já foi criança em preto e branco. Aceita essa premissa, para avançar na compreensão desse fenômeno compartilhado por toda uma geração, que foram as matinés de domingo, é preciso agora reconhecer a infância como um terreno mágico, incrustado numa zona de afetos abundantes, ingênuos, potentes e verdadeiros, repleta de curiosidades insaciáveis e infinitos planos de experimentação. Refiro-me, a seguir, a um intervalo de tempo pertencente à fase infantil — mas nem tanto — subindo a ladeira rumo à adolescência. A Psicanálise a rotula de Fase de Latência, termo um tanto enganador considerando a quan-

tidade e intensidade de processos psíquicos explodindo secretamente a tranquilidade desse período. É nessa etapa da vida que se aprende a administrar parcerias – os grupos de amigos – e se desenvolve uma crescente sofisticação de certas estruturas mentais ainda livre das borbulhantes avalanches hormonais que virão em seguida. Aí iniciamos o processamento de concepções mais complexas do universo dos valores e das ideias e aciona-se, usando a tentativa e erro como mecanismo de operação, o que aprendemos nos primeiros anos dentro da família e que precisamos testar no mundo. Agora faço um zoom nessa época para acessar antigos fichários abarrotados de feitiço na minha nostalgia: as lembranças das matinés de domingo no cinema. Tenho certeza de que o leitor me concederá permissão para narrar esses eventos como se estivessem acontecendo no presente. É que o espírito do tempo nos visita com mais força quando o saudamos cara a cara. Segue.

No final da tarde de domingo, termina o segundo filme da matiné. A imensa cortina azul marinho movimentase lentamente e fecha a tela, encerrando a projeção das imagens no grande salão empanturrado de deslumbramento. Hora de acender as luzes da plateia e abrir as portas laterais que permitem a saída para a calçada. Centenas de espectadores deixam o interior do prédio, capaz de acomodar mil e quatrocentos assistentes sentados e milhões de personagens esvoaçantes na tela do cinema da minha infância. As pessoas, ainda um pouco cegas pela luminosidade intensa do exterior, caminham em direção às quatro saídas arrastando os pés, evitando tropeçar no restinho de escuro do salão até a rua. Nesse andar amorçado, aturdido por pulsões mobilizadas, trocam comentários sobre as impressionantes cenas vistas há poucos minutos e gesticulam entusiasmadamente, querendo reproduzir a altivez ou a bravura de algu-

ma circunstância impressionante do filme. Outros esperam sentados confortavelmente nas cadeiras, arrumando a bolsa, alinhando o casaco, fazendo tempo enquanto as filas, embretadas pela conformação das cadeiras, vão encolhendo lentamente. Vistos do mezanino, os movimentos vagarosos e sincronizados da multidão geram um balé tacitamente coordenado, movimentando-se do mundo da fantasia para a consciência da realidade. De certa forma, contrariados por ter de abandonar o sonhar acordado, mas, ao mesmo tempo, agradecidos pelo prazer de ter experienciado momentos mágicos em companhia de seus amigos e, junto com eles, ter conhecido heróis fantásticos e participado de aventuras extasiantes. Ah, as mentes das crianças, aquelas mesmas que mapeei no início deste texto, estão borbulhando, brilhando, faiscando energia, pulsando aceleradamente em eletrizantes enredos de superação e protagonizando peripécias nas pradarias do oeste bravio. Montadas em puro-sangues indígenas — pelagem avermelhada no tom da valentia —, guardando uma caravana que já se sabe: em breve será atacada pelos comanches. Na rua, impelidos pelo imaginário, correm e pulam atacando inimigos colossais, fantásticos personagens fugidos das telas, abatidos com os escandalosos mas artesanalmente contidos golpes de kung-fu recém aprendidos no filme.

Mas porque raios começo a contar as matinés de domingo pelo seu desfecho? A justificativa pode soar um tanto enigmática em vista da forma como estamos acostumados à fluidez alucinante das informações e eventos da sociedade contemporânea. Amigo, amiga: naquele tempo éramos obrigados a esperar a magia acontecer uma vez por semana somente. Por isso é que a paciente expectativa pela fantasia brotava já no final do domingo anterior, por isso comecei a história do capítulo dois pelo final do capítulo um. Seguia-

se, a partir desse crepúsculo, a espera ansiosa pela próxima matiné, uma semana vivenciada em contagem regressiva, riscando os dias um a um, controlando as tentações intensas e indecentes pela estratégia maquiavélica de evitar o castigo extremo: perder a permissão materna para desfrutar da próxima sessão. Eis aqui, portanto, mais um exemplo de aprendizagem de valores e ideais: a demonstração de bom comportamento em prol do usufruto de algo prazeroso, um poderoso elemento de negociação na arte da educação pela teoria do reforço. Em mais um momento de charlatanismo psicologista meu, perdoe a licença nem tão poética assim.

Porque não se trata somente de assistir aos filmes. Trata-se de rever, uma vez em cada semana, os amigos que só o encontro no cinema proporciona, de sair da realidade e submergir em ambientes e peripécias indescritíveis para as palavras disponíveis no nosso ainda esquelético vocabulário; revirar a pilha de gibis velhos e levar para trocá-los, no intervalo dos filmes, por outros ainda não lidos; gastar o troquinho da poupança engordada com sacrifício (outra lição de valores) para saborear as balinhas de banana, as balas 7Belo, a coca-cola, quem sabe até conseguir o suficiente para uma caixinha de bonzinhos. E, quem sabe, ter mais sorte ou mais ousadia com aquela menininha de tranças que parecia devolver furtivamente o nosso desejo com a pontinha dos olhos. Será que ela estaria lá na próxima matiné? Assim escorriam avidamente os minutos, as horas, os dias, até completar a semana e chegar o momento mágico da matiné de domingo, idolatrado pela expectativa e pela paixão infantojuvenis.

As meninas mais velhas, lá do alto dos seus treze, quatorze anos, já são escaladas para levar os irmãos mais novos ao cinema. Elas já sabem o caminho, sabem se defender, já entendem relações comerciais e são plenamente

capazes de administrar os trocados destinados aos ingressos e depois para as guloseimas do intervalo entre a primeira e a segunda sessão. Os rapazes, esses mais velhos e mais abastecidos das artes predatórias, vão em grupos de três ou quatro, e ficarão encostados nas paredes dos corredores, filme rolando, escuro protetor, criançada pequena devidamente aquartelada nos assentos e distraída com a ação do filme. As mocinhas, então, percorrem um roteiro de todo o domingo. Circulam no corredor, conversando baixinho, sussurrando futilidades, até que um rapaz mais hermoso atrai a atenção de uma delas, que sinaliza aqueles códigos que toda masculinidade compreende como permissivo. Acontece, gente, para usar um código compreensível para as novas gerações, um crush. O novo casal então escolhe um ninho perto dos maninhos, mas não à vista deles, onde permanecerão, licenciados pelo escurinho do cinema, unidos sentadinhos cada qual em sua poltrona para a prática de beijos e carícias, mas de mãozinhas dadas porque é preciso sempre impor respeito, como pediu papai. A gente tem que começar um dia, e o cinema de bairro foi o palco das primeiras incursões amorosas de muita gurizada recém saída das fraldas.

Termina o primeiro filme, os casais se recompõem, as meninas reúnem os pequenos, organizam quem guarda os assentos enquanto os outros correm como manadas para a bomboniere. Quem chega por último fica atrás da barreira dos primeiros a encostar a barriga no balcão. Esses serão atendidos no meio da gritaria, receberão seu troco e darão lugar à segunda barreira e assim a multidão vai sendo abastecida com as balas e refrigerantes num processo vagaroso, mas bem eficiente. Hora também de ir ao banheiro, entrar na fila e papear com os amiguinhos contorcendo-se enquanto o alívio não vem. Hora também de levar a pilha de revistinhas, entrar numa rodinha de trocas, olhar as capas

que os outros vão mostrando, uma por uma: Pimentinha, Luluzinha, Bolota, Riquinho, Pato Donald, Mickey, Homem-aranha, Hulk, Batman, Fantasma... até escolher um gibi ainda não lido. Agora troca: é o outro quem escolhe. Vários grupinhos espalhados na imensa sala de espera do cinema repetem essas trocas de gibis, outros batem figurinhas, outros conversam gostosamente, outros simplesmente não se levantaram das cadeiras e permanecem esperando a próxima sessão. Cartazes e fotos dos filmes da semana que vem já estão devidamente expostos no salão, abrindo sensacionais perspectivas para a imaginação e a expectativa das crianças, dos adolescentes, dos adultos e dos idosos que as saboreiam demoradamente, cada faixa etária com as suas respectivas fantasias. Bate o gongo, passaram quinze minutos e é hora de voltar para mais duas horas de ilusão.

Agora já está quase acabando o segundo filme. Então, depois de praticamente desmantelada a defesa da caravana, flechas zunindo e fincando nos carroções enfileirados, última carga de munição, guerreiros comanches caindo já pertinho da defesa dos poucos caubóis ainda restantes ilesos nas trincheiras de sacos de areia, eis que ouve-se o toque do clarim. A mocinha levanta os olhos empolgada, em busca de um sinal no horizonte da chapada avermelhada. Corte para um batalhão de soldados cavalgando à toda em direção ao cerco. Ouve-se um pequeno terremoto no cinema: são as centenas de crianças e adolescentes batendo com força os dois pés no chão, simulando a cavalgada do 7º Regimento de Cavalaria do Coronel Custer. Sim, os míseros punhados de comanches batem em retirada e os mocinhos da caravana são todos salvos. É claro, sabemos hoje das patifarias de Custer e como foi um castigo merecido a sua derrota no Little Big Horn. Mas criança não sabia nada disso, nem os filmes contavam direito essa história, não é mesmo? De-

morou muito para que a sétima arte relatasse essa história com um constrangido respeito. O que importava, na época, era ter uma matiné no domingo e ali fugir da obriedade da vida. Olha eu deixando os verbos no passado novamente para desviar a sua atenção.

Volto aos personagens do presente desses tempos. Agora é voltar para a vila, para o morro, para o barraco de sua viela e enfrentar novamente a indiferença, a falta de compaixão do mundo e a rua sem esgoto. Dura vida, vida dura. Mas espera. Hoje, que é domingo, levarei comigo, na esperança renovada pela epopeia e na alegria despertada pela comédia, um sopro da força mítica dos meus heróis, uma carga extra de coragem, algum exemplo de generosidade e de justiça simples e maniqueísta apreendidos nas quatro horas em que estive imerso em fantásticos ambientes estimulantes, compartilhados com os amigos do meu bairro e sonhados na vigília desse encantamento que é o universo cinematográfico. Basta a imaginação para colorir o futuro.

**A Aposta: Sobre Como A Mente Das
Pessoas Que Habitam Este Planeta,
Que Era Um Mundo Nosso De An-
tigamente, Calmo E Sereno, Foi En-
venenada Por Um Tempo Cheio De
Ódio, Guerras Inúteis, Fome E Dor**

A velha geme um suspiro final, torce o corpo sobre o estômago e cai no chão.

- Ganhei!

- Mas não é que a desgraçada caiu para a esquerda?

- Paga e não chora!

O outro enfia a mão no bolso, revira-o por alguns instantes e traz de lá um chumaço de notas amassadas. Esmaga-as contrariado na mão aberta do irmão, praguejando mentalmente. Livre da dívida, caminha até o gramado do pátio e chuta o corpo da avó. Esta ainda se retorcede no tapete verde, melecado de terra e sangue. Grama. A dentadura quebrada na trilha de lajotas. Campainha. Latidos. O mais moço sobe numa árvore. No galho mais alto ele amarra o revólver. Ele pula. A porta abre.

Vizinhos.

Aqui Dentro

Já faz seis dias que não saio
da aridez deste encantamento.
Já decorei todos os tacos do assoalho
e as rachaduras deste apartamento.

Os dias não parecem ruins ou piores,
nem o clima, nem o tempo, nem o vento,
nem a condenação nos olhares,
nem a falta de sentimento.

Da janela do oitavo andar,
os problemas me parecem distantes.
Já não parece absurdo pular,
nem voar por um instante.

Fechei a porta do corredor,
joguei a chave no encanamento.
Minha vida desceu pelo elevador
e eu fiquei trancado aqui dentro.

Soneto

Faz dias que não sei do mundo além,
só vejo as sombras frias do assoalho.
O teto cala, imóvel, em retalho,
e o tempo escorre mudo, como vem.

As horas passam — não são mal, nem bem —,
só repetem o gesto e o mesmo atalho.
Nem mesmo o vento ousa romper o entulho
do que restou de mim, e de ninguém.

Da janela, o horizonte é distante...
Não assusta cair, nem mais viver;
há um cansaço fundo, sufocante.

Minha vida desceu, sem me dizer,
pelo elevador — fria e sem intento —,
e eu fiquei trancado aqui dentro.

Um Homem, Uma Mulher Um Batom

Nem mesmo quando a moça de saia vermelha cutucou o braço da amiga ao lado ele se perturbou. Continuou impassível, barriga encostada no balcão, o rosto de pedra a fitar um horizonte imaginário, muito além das prateleiras e mostruários que ocupavam o espaço físico à sua frente.

Nem mesmo os cochichos e risinhos mal abafados abalaram o fluxo dos seus pensamentos. Permaneceu solitariamente cercado pelas moças, senhoras, atendentes, meias, cosméticos, espelhos e, embora habitasse agora uma das galáxias do universo feminino, não se sentia desconfortável ali.

Nem mesmo as perguntas que a balconista metralhava simpaticamente conseguiam afastar a imagem da mulher que dominava a atenção de sua mente. Simplesmente deixava que flashes dos momentos que partilharam povoassem suas memórias, invadissem escandalosamente suas defesas, arrasassem a sua racionalidade. Percorria um corredor íntimo, conhecido só pelas pessoas que se amam. Ia encontrando secretamente aquele perfume de adolescente, aquele corpo inviolado pelos anos, aquela sutil sensualidade irresistivelmente ingênua. Aqueles encantos, que só ele desfrutava naquele particular pedaço do tempo, inundavam completamente o homem em que ele se transformara agora.

O fato de ser casado com outra mulher não o incomodava nem um pouco; nem conseguia dissipar uma única molécula do sentimento que uma menina de quinze anos despertara nele - homem talhado num tempo que lhe parecia cada vez mais remoto. E talvez não fosse capaz de compreender, e ele já se conformara com isso, a impossibilidade de cativar perpetuamente aquele ser que ele tanto amava. Muito menos admitir que essa mulher um dia encontrasse um homem mais jovem, mais adaptado, menos jurássico. Assim é a vida. Os velhos vão; os novos vêm.

Movimentava-se automaticamente, recolhendo o embrulho; agradecendo à balconista; guardando o troco; cruzando a cidade dentro do seu carro; virando a chave na fechadura da porta de sua casa; essas atividades mundanas ele deixava para os ossos, músculos e alguns nervos mais subalternos. O melhor de si ele deixava para outras coisas mais importantes da vida, representadas no sorriso da boca de sua filha, enfeitada pelo batom que ele comprara.

A Cor Que Faltava

Sim. Existem os templos arrancados da pedra, bordados pelo inconsciente coletivo e contemplados pela parte da humanidade que não está no seu ciclo individual de conflitos. Mas lembremos, também, dos monumentos não físicos, erigidos pelos pensamentos decentes e só acessíveis à arqueologia das intenções humanas. Maurice atirou-se com pleno vigor na busca dos genes linguísticos dessa plataforma de entendimento. Seus olhos esquadriharam avidamente os universos possíveis contidos nos excertos dos anciões e nas suas obliteradas recomendações.

Hangu, Cairo, Bombaim e Ancara presenciaram involuntariamente a sua imensa capacidade de perseguição. A deformação exagerada dos traços de sua personalidade

empurrou-o ao encontro dos apelos dionisiacos dos magos do velho mundo. Esquadrinhou os mistérios hibernantes nos mosteiros, mapeou a estrutura dos contornos dos pilares babilônicos, instruiu-se com os fantasmas guardiões das bibliotecas alexandrinas, bateu-se em combate verbal contra os quarenta e sete capitães de um ermo jardim nas proximidades do Labirinto. Em Marselha, onde instalou o escritório central do seu empreendimento cabalístico, estudou a sintaxe contida na engenharia das catedrais europeias e aprendeu a reconstruir gramaticalmente as definições e os pentagramas arquitetônicos vandalizados pela noite dos séculos. Mas a Providência é uma entidade indomável e segue um traçado incapaz de se submeter unicamente aos nossos projetos. O Plano sofreu um desvio fundamental quando Maurice sonhou com o Enigma Óbvio.

No enredo onírico, um cidadão da Saxônia, pálido e roído pelos germes da lepra, segurava com sua única mão a garganta de Maurice. Ele pensou, enquanto sonhava, que a culpa o estrangulava justificada na sua própria intransigência. Mas eis que, do ar que se extinguiu dos seus pulmões, foi brotando uma gigantesca bolha de vidro, portando todas as cores do mundo. A bolha explodiu e seus pedaços ficaram grudados na parede, formando um imenso vitral.

Vitrais!

Maurice acordou tão impressionado e tão afoito por dominar tal linguagem que nem viu as marcas de dedos impressas em seu pescoço, refletidas no espelho do quarto. Então, foi numa madrugada de sexta para sábado que os fornos adquiriram um novo e fundamental sentido na existência do belga. Mais vinte anos escorreram pelas artérias inquietas desse homem, decifrando as metáforas das cores, a lógica estrutural desse peculiar tipo de composição e o

significado de uma arte atávica que escondia, entre outras coisas, os princípios éticos das relações humanas. Imergiu obstinadamente nessa semântica. Leu as esperanças de uma sabedoria pré-histórica, expressas na frequência da luz modificada pelo vidro. Percebeu que havia um jogo de elipses envolvido no mundo emaranhado das cores. Decodificou cada uma dessas elipses. Todas elas?

Não. Faltou uma.

Tangido pelo destino, Maurice ouve um suspiro familiar e levanta os olhos de um livro amarelado e comido pelas traças, deserdado numa banca de saldos da Feira do Livro de Porto Alegre. Subitamente, sente o ar evadir-se do peito e um nó górdio formar-se na traqueia. Todos aqueles anos desgastados em sua alma inquieta despertam bruscamente com uma só aparição.

Natalie.

Na sua frente, olhando para ele. Os dois unidos por uma linha invisível, amarrada num universo de encantamento por saudades recíprocas. Maurice percebe, num violento *insight*, que investigou os tesouros epistemológicos dos antigos e performou obsessivamente os movimentos de sua vida numa única direção para fundi-los instantaneamente na praça de uma cidadezinha brasileira. Para compreendê-los na cor dos olhos de Natalie.

O chumbo finalmente transmuta-se em ouro.

A Nau dos Loucos

Para onde você vai quando embarca na sua loucura? Da Idade Média nos chegam histórias lendárias sobre os loucos da cidade que eram reunidos e embarcados num navio sem tripulação e nele viajavam sem rumo pelos rios da Europa. Era um dos processos de purificação das cidades, “higienizando” as casas e as ruas, segregando esses personagens amedrontadores, provas vivas da presença de algo que não é possível nomear e, portanto, daquilo que é incontrollável. Uma vez embarcados, sumiam no horizonte, desfrutando ingenuamente de uma liberdade forçada a aceitar as rotas que as correntes do mundo a levasse. Para onde? Quem sabe em busca da razão.

Pensavam ter achado uma forma de resolver o incon-

veniente problema da convivência com comportamentos e ideias sem fundações na realidade convencionada entre os cidadãos. Enfiar os loucos nestas embarcações nada mais era do que se livrar do constrangimento de ter que conviver com a face ininteligível da humanidade, com seus devaneios, seus despropósitos e suas aflições de origem desconhecida. E assim evitar assistir o desfile das fraquezas humanas na sua essência mais insuportável.

Há um apego à dimensão épica nesse processo, que remonta aos feitos dos argonautas em sua fantástica viagem, revestindo a rejeição e a intolerância comunitárias com intenções nobres, higiênicas e justificadas, mascarando a exclusão, a limpeza das imperfeições humanas, como uma missão quase religiosa. Trezentos anos depois, em 1726, o escritor Jonathan Swift desenvolverá a sua própria incursão aos confins das estranhezas com *As Viagens de Gulliver*, aplicando a sátira como ferramenta para analisar os costumes e comportamentos ilógicos de povos de estranhas terras longínquas, mas absolutamente adequados e estruturados em seus respectivos estranhos e ilógicos países. A *Odisseia* é a narrativa da volta de Ulisses da Guerra de Troia, enfrentando, em cada terra visitada nos dez anos de infortúnios, as loucuras de cada lugar e seus monstros fabulosos, numa evidente metáfora da aventura humana na jornada da vida e aqui temos mais uma vez o apelo ao sentido épico da insanidade. Hitler também se valeria do mecanismo da exclusão, mas em termos dramaticamente mais trágicos, para aplicar a eugenia ariana. Quem sabe não estaria aí, nessa estranha loucura coletiva, também o motivo ou a origem de encontrarmos, em pleno Século XXI, pessoas orando para pneus, marchando entusiasmadamente em direção ao passado e pedindo ditadura em nome da liberdade?

A loucura, então, é uma convenção social? A loucura

é um lugar ou um momento? A loucura é uma certeza inoportuna que fustiga as incertezas da nossa experiência nessa existência? Entre as diversas loucuras que habitam a mente, imperfeitas, impróprias, inconvenientes, intempestivas, incontroláveis, sempre haverá as indesejáveis, convidadas a se retirar da sua relação pessoal com a sociedade. Um embate entre o Id desgobernado e o Superego civilizatório? Das estranhezas que a loucura nos propõe, certamente se impõe a propriedade de não termos somente uma única loucura, um único desvio, um único padrão de desatino a habitar as profundezas da mente. Eu sei, porque já sou louco há bastante tempo, e, como todos sabem, a diabrura é espalhada e gera “diabrices” ao longo dos anos que passam voando. Também podemos admitir momentos em que uma determinada loucura se impõe ante às demais, preponderando no período de desatino conforme a temperatura da vida naquele instante. São nossos filhotes a crescer e multiplicar juntamente com a nossa idade, à espera da vinda da razão no final dos tempos.

Certo é que a nau dos loucos está a navegar permanentemente na circulação vital de cada ser humano, de cada momento, de cada território mundano demarcado na jornada dos indivíduos. Cabe a cada um descer ao porão de seu navio particular e lá buscar — se existir — o timoneiro mais adequado a cada situação, capaz de enfrentar as tempestades da vida e os disparates que ela nos apronta; conseguir equilibrar o convívio entre tantas loucuras embarcadas num único navio e lançar âncora na sua particular Insensatolândia e lá fundar as bases de sua própria Narragônia. Ilógica e irracional, autêntica e fantasiosa, imperfeita e imaginária. Mas real por ser a verdade de cada um, em busca de uma razão que desembarcou não se sabe onde. Temos toda a vida para encontrá-la. Mas só uma.

A Falta Que Faz Uma Cabeça

Quanto tempo sobrevive uma cabeça depois de separada do corpo?

Para falar a verdade, nem dói. Ouve-se lá em cima o deslize acelerado da lâmina, raspando nas laterais da guilhotina, despencando no pescoço. Em seguida, o baque pesado na velha carcaça de madeira faz o mundo tremer. A cabeça voa no ar e avista, num instante extremamente fugaz, a multidão extasiada respirando fundo, as bocas escancarando-se num assombro silencioso. O tempo congela

nesse instante. É aqui que a mente, ainda consciente, registra que está morrendo.

Acho que ainda consigo piscar os olhos. Também consigo mexer a língua encostando-a no céu da boca. Um sabor indefinido invade o que restou da garganta, algo misturado de água salobra e sangue. Ouço bem os sons à minha volta, embora não os decodifique com nitidez. Gritos, gargalhadas, algazarra, tossidas, gemidos, mugidos, latidos. Um rumor rosnado do mundo penetrando as trevas profundas emoldura o mundo sensível em volta do cadafalso. A eternidade aproxima-se acompanhada de uma tremenda confusão mental, pois não bastasse o alarido ensurdecedor do ambiente, as sinapses vindas dos pés e mãos ausentes continuam chegando. Até cólicas parecem ter voltado, depois de anos sumidas, mas tudo que consigo enxergar agora são os desenhos trançados dos feixes de palha no cesto de vime. Sinto que alguém me puxa lá de dentro pelos cabelos e chacoalha minha cabeça na frente da multidão gritando meu nome e meus supostos crimes, ressaltando várias vezes o crime de traição ao movimento revolucionário. É quando consigo distinguir cabeças conhecidas entre as pessoas da primeira fila. Minha família.

Resta resgatar, nesses últimos instantes de consciência, a razão de François Galimbert ter chegado ao derradeiro movimento de suas ações na terra, depositando — contrariadamente, é verdade —, a cabeça num cesto de vime sem a honrosa companhia do resto de seu corpo.

A fome.

Ah, a fome transforma as pessoas. Desmancha os laços que as conservam tolerantes; corrói as sutilezas que as fazem sentimentais, sofisticadas e hipócritas; extermina a indulgência e impulsiona a motivação para uma ação de ex-

trema urgência defensiva. Lembro da fome que empurrou a população da aldeia à revolta como um ariete e lá estava eu, em companhia dos irmãos, empunhando a bandeira da minha paixão e da minha certeza naquele ideal. Invadimos a indiferença dos abastados, demolimos os muros da Bastilha e declaramos os direitos da humanidade em praça pública. Foram momentos de vitória esplendorosa, estupenda conquista da Assembleia e da alma libertária da população.

Mas as famílias e os amigos dividiram-se nas certezas, e o que era absoluto para uns tornou-se relativo para os outros. Convicções fundamentadas rebaixaram-se para paixões inquestionáveis; a fraternidade crítica converteu-se em partidarismo cego e obediente; e a possibilidade de um diálogo construtivo derreteu ante o monólogo imperturbável do fundamentalismo. Chegamos à Fase do Terror. O que separa as cabeças dos corpos, os irmãos da família e os amigos da amizade. Personifica a incapacidade de praticar empatia, alimenta-se do fracasso na tentativa de reconhecer o que nos falta pela voz do semelhante e a incompetência de produzir solidariamente algo que realmente enfrente o verdadeiro problema. Qual era mesmo o problema?

Ah, a Fome.

Aqui estou eu, dentro de uma cesta de vime, sem a companhia de meus amigos e de meus irmãos, sem minha família, sem minha aldeia e sem minha cabeça.

E ainda tenho fome.

O Homem Que Virou Fumaça

Procuraram Antônio por três dias antes de abandonar a salvação dos restos mortais, pois já tinham desistido de salvar sua alma há muito tempo. Foi numa noite de lua cheia que ele bateu as cinzas do cigarro no copo de cerveja vazio, levantou-se da mesa na frente do bar, percorreu a pracinha em direção à igreja e sumiu na fumaça laranja que teimava em vadiar nos céus da cidade desde os últimos três outonos. Num primeiro momento, Zé Daniel e Virgulinha olharam distraídos a dissipação daquele homem enorme no ar denso e não se deram conta de que ele não chegou ao canteiro da estátua do ex-prefeito Percival. Rosinha estava fechando a loja naquela hora e também estranhou a mis-

teriosa enganação que os sentidos lhe aplicavam. Logo ao direcionar os grandes olhos verdes para a praça, percebeu a fumaça envolvendo Antônio e dissolvendo rapidamente um metro e noventa e seis centímetros de carne, osso, pele e insanidade em estado bruto. Num instante. Ela nem tinha terminado de piscar, enquanto guardava as chaves da loja, e o homem já tinha sumido.

Ninguém entendeu o que houve. Chamaram a polícia, que mediu pacientemente as distâncias, varreu a pracinha em busca de indícios, interrogou o dono do bar e os bêbados e ainda interpelou Rosinha e quem quer que estivesse por perto naquele horário vampiresco da madrugada. Não encontraram nem os sapatos de Antônio nem sua história, nem suas roupas nem seus documentos, nem suas sinceras incertezas derramadas momentos antes nos ouvidos de Virgulinha, nem suas lágrimas cristalizadas na saudade dos filhos. Foi-se.

Alguém deu ideia de cavar a praça, quem sabe caiu num buraco? Veio a prefeitura, com suas máquinas de aço paquidérmico, mas sem formulários preenchidos. Eis o caminho da inutilidade porque, meu amigo, o que é o mundo sem formulário preenchido, não é mesmo? Serve pra nada. Então, nada de Antônio foi encontrado nesse segundo dia de intensa ausência operativa. Canseira nos olhos e garganta secando, algo de preguiça tomando conta da vontade, reclamando por ar fresco. Todos na cidade já estão um tanto enjoados pela dúvida, nem esburacar a pracinha resolvia o desaparecimento.

Veio correndo a Companhia Bananeira, interessada nos buracos da praça. Ofereceu à cidade ajuda em troca de braços e pernas nas suas *plantations*, obras e capatazia. Coletaram terra dos buracos, analisaram, enviaram à matriz da

Europa, adicionaram uma tal de mesóclise e a tal de próclise nas amostras linguais e mentiram o que puderam. Mas na verdade o solo é infértil e insosso, lavado de miséria e indecente de tanta mediocridade. Foram embora e não pagaram os jagunços nem os come-bosta que ficaram esperando ordens que nunca vieram. Assim, nessa enigmática fantasia de cidade pequena realista, passaram outros outonos que nos trazem até agora, momento em que a fumaça ainda não devolveu Antônio.

Outro convenceu uma plateia ansiosa pela fé que a sua particular forma de oração seria o único antídoto contra o que não é da terra. Que Antônio só poderia ser alcançado pelo caminho da infinita confiança e que tudo tem um preço certo de sacrifício. Os cidadãos, então, perdidos num encantamento apaixonado e acorrentado pela fidelidade cega, deram, com máximo prazer, sua pouca e única abastança àquele que se dizia incorporar a Divindade de seus corações. E eles oraram, oraram e oraram o tempo inteiro. Mas passou mais uma estação, Antônio não apareceu e o pastor, quem sabe por conta do destino, continuou cada vez mais rico.

Então, finalmente, depois de enganados, embananados, defumados e pobres, resolveram culpar a fumaça. Isso também porque não tinham mais dinheiro nem paciência até para culpar devaneio. Que, ademais, nem tinha nada a ver com isso. Atravessaram o rio e falaram com os homens que queimavam o mundo, ainda que deles ficassem burros de tanto medo. As pernas não obedeciam e queriam fugir antes do tempo de pedir ajuda aos mascarados, tocha na mão, na beira da queimada. Apesar de quase travados de pavor, seguiram adiante e, com uma ousadia que não sabiam de que país vinha, perguntaram onde diabos podia estar nascendo tanta fumaça porque eles queriam ir até ela e espancá-la até

a morte ou que a infame lhes entregasse Antônio. Assim foi que deles nunca mais se ouviu falar, que dizem também terem sumido na fumaça da estrada, que estava braba já com eles de tanto ouvir fofoca no acostamento da rodovia e também porque eram poucos e desunidos.

Sim, também não era a fumaça a culpada.

Bom Dia, Sol! (I)

Minha jangada vai sair pro mar

Vou trabalhar, meu bem querer

Se Deus quiser quando eu voltar

Do mar

um peixe bom eu vou trazer

Meus companheiros também vão voltar

E a Deus do céu vamos agradecer

[Suíte dos Pescadores | Dorival Caymmi]

Rosinha finalmente desvia os olhos do encontro com o mar. É a quarta noite de vigília e Raimundo não apareceu

novamente. Com os pensamentos presos num redemoinho infinito de saudade e martírio, toma instintivamente o caminho das pedras pretas para não sujar os pés descalços na areia, como sempre fez para não irritar os filhos. Sabe que não escapará de lidar com o choro dos quatro meninos quando tiver que, mais uma vez, anunciar o insucesso da espera pelo painho.

Rosinha também já naufragou a ilusão de escapar de um biscate na venda de Seu Nicolau. Lembra sempre com nojo do interesse peguento do velho batoré - coisa ruim que não vale o que o gato enterra - pelo seus quartos, já no outono da vida, mas que ainda conservam uma dureza e uma quentura que só o seu Mundinho foi autorizado a provar desde que a fez de menina-moça em mulher por inteiro. Engoliu uma lágrima salgada da alma, com sabor de mar dos navegantes, e imaginou que, mesmo aperreada – *arriégua dos inferno!* –, tem ainda força na mente pra ir dando mi-gué e desembestar os arrochos do velho estribado, dono do único comércio da vila.

- Danou-se! Não posso ficar de espinhela caída! As prateleira tão esvaziano sem os peixe que Mundinho trazia.

Dá-se conta que começa a pensar em Raimundo como coisa do passado, como alguém sem mais nenhuma valia na sua vida. É da vida e da soleira do tempo a luta pela sobrevivência. E agora ela é o “homem da casa”, não pode ser dar ao luxo de ficar bestando enquanto os pequenos passam fome, quem mandou Rosinha ser mãe quando já estava ficando passada? Mãe é pra isso mesmo: pra se sacrificar pelos meninos, que estão ainda pixototinhos e com as pregas mal arrumadas.

Enquanto ia pela trilha, ouvia os próprios pensamentos como um eco vindo das águas, um leriado carinhoso

consigo mesma, que agora precisa desprezar as lágrimas e planejar um futuro sem Mundinho, desaparecido nas longínquas ventas do mar. O céu já começa a ficar vermelho de novo, o vento bate forte depois da trilha. É um novo dia se anunciando, uma nova peleia que o destino exige de Rosinha, uma nova chance para essa mulher arretada e caceteira salientar sua coragem. Eis aí um direito de toda mãe no mundo: zoar das trapalhadas do destino emburrado, filho imburacado de uma égua, que não foi devidamente educado pra prestar atenção no sofrimento alheio.

Ela chega no barraco onde os filhos ainda estão dormindo, Puxa o ar todo que arrodeia os oitão de sua casa e empina o peito de maíinha, como se fosse dar o primeiro mamá da manhã, e se prepara para abrir a porta. Antes ela olha pra trás e lembra de Raimundo, o seu amado Mundinho, o mundo que era só dela, como se o procurasse para recompor as forças, um último pensamento de amor ao homem de sua vida. Mas Mundinho não está lá. Só o astro-rei, a quem cumprimenta muito raçuda.

- Bom dia, sol!

E entra.

Bom Dia, Sol! (II)

Os anos de prisão haviam roubado de Melquíades a vontade de cantar. Ele percebera isso porque os gigantes que lhe traziam comida e o levavam ao pátio para iluminar um pouco a sua desesperança já não se demoravam na porta de sua cela. Olhavam tristemente pelas frestas das paredes e murmuravam coisas que a infelicidade entranhada na parte interna das barras do claustro torna incompreensíveis para os apenados. Desde que fora confinado naquele cubículo, esquecera quase por completo da graça mundana e das far-
ras nas copas da sua terra. Esse pedaço do passado tinha tantas lacunas que o peito já não chorava por ele e nem por amargura ele tinha mais capricho de soltar a voz.

Da memória a saudade lhe trouxera imagens de Tchica, que lhe apresentaram em visita para perturbar a tristeza crônica armazenada no seu temperamento. No começo, estranhou a intrusão da novidade nas suas vontades e o peso desse corpo recém-chegado no refúgio do seu espírito. Mas havia ali um calorzinho gostoso nas proximidades, um movimento petulante e ao mesmo tempo amistoso derrubando a sua indiferença. Até se permitiu elaborar com ela um dueto sonoro de repetições infindáveis e musicalidades burlescas. Perdeu o medo de gostar de alguém. E alguns anos desse feitiço parceiro fizeram da habitação um segmento apreciável do universo: os gigantes sentavam por perto em suas poltronas e conversavam animadamente, como se quisessem unir-se ao coro lamentoso pensando que era a alegria que comandava o ambiente da masmorra. Entretanto, por fim os ataques maciços das salmonelas derrotaram a pouca saúde da companheira, impondo mais uma vez a solidão a Melquíades. Este teve, enfim, de novamente fazer as pazes com sua antiga melancolia e relembrar os solos lamuriosos dos invernos, agora acrescidos da saudade.

Também houve uma vez em que conseguira escapar, aproveitando a negligência de um guarda inexperiente. Partiu célere, confiante, invadido por uma coragem que não sabia estar ainda presente nos seus planos desorganizados. Aproveitou um restinho de inconformidade, ainda habitante de seu coração, que endemoniava a sua desconsolação e guiava a fuga pelos labirintos da prisão maior. Bravamente ultrapassou percalços que todo fugitivo enfrenta, derrotando impetuosamente cada obstáculo que lhe desalmava a esperança de liberdade. Mas o destino e a incapacidade de decodificar a arquitetura do livre-arbítrio bastaram para devolvê-lo ao desconsolo. Foi resgatado num canto insuperável, mais machucado pela vergonha do fracasso do que

pelas feridas conquistadas na batalha.

O canto foi sumindo aos poucos na garganta de Melquíades, esmagado pelo tempo e pela impossibilidade de amar alguém ou alguma coisa palpável na geografia do sentimento. Muitos invernos e verões enfraqueceram a audácia e a estratégia de povoar qualquer lugarejo que lhe fizesse convite. Resta-lhe agora cruzar esse corredor desabitado pela fé e aguardar o seu lugar na fila da morte. É noite ainda, as estrelas o observam silenciosamente na torcida por um final feliz. Este finalmente chega com os primeiros raios do amanhecer. É hora de despedir-se do amanhã. Mas ainda dá tempo de desejar algo.

- Bom dia, sol! – pensa Melquíades, antes de alçar voo para a liberdade infinita.

Natália passa pela gaiola do canário e grita para a mãe, ainda lavando os pratos do almoço na cozinha.

- Mãe, o canarinho morreu!

Bom Dia, Sol! (III)

Na juventude, passar as noites em claro não era uma provação tão cansativa. Naquela época, os anos de fogo da vida ainda ferviam intensamente nas minhas artérias. “É...”, pensei enquanto subia no ônibus, “... saudades desses tempos fogosos”. Agarro o balaústre do corredor e reviro os olhos de um canto ao outro do coletivo, em busca dos assentos para idosos. Nenhum vazio, mais uma jornada com lotação esgotada. Tenho de me conformar com a viagem em pé até o ponto de São Virgílio, quando a metade do pessoal desce na parada da fábrica.

Lá fora, o lixo da noite se revira num vento sibilan-

te, impregnado de lamentos fugidos de algum lugar sinistro que só sei que existe, mas não sei onde. Imagens do passado, atrevidas, arrogantes, inoportunas, continuam chegando. As cadeiras vazias na mesa da sala, a cidade natal, longínqua e inalcançável, os colegas sem nome da antiga escola primária. Registros fantasmas, arrastando consigo pedaços do coração de um velho conformado com a inaptidão ao mundo assombroso da modernidade. “É... cada vez mais os antigos se tornam solitários. E cada vez mais, os solitários se tornam antigos”. Travo nesse *looping*, achando muito belo esse pensamento, mas sem conseguir encontrar um sentido mais profundo para essas frases torcidas e retorcidas. Acabo esquecendo aonde o pensamento queria chegar antes disso. Ainda em busca de um sentido maior para a vida? Não sei, continuo procurando algo de importante nessas frases enroscadas, que vão e vêm sem anunciar seus propósitos.

O ônibus freia bruscamente: é Valdomiro, que novamente dormiu mais do que o permitido e chegou na parada correndo, sem lanche como a falta da bolsa térmica denuncia. Conseguiu acenar de longe e teve sorte, muita sorte, de ser avistado pelo motorista naquela rua escura. “Um dia não vai ter tanta sorte!”, penso eu, quase maldosamente, num julgamento um pouco perverso sobre o pobre porteiro do edifício vizinho à empresa onde trabalho. Mentalmente travo ali, em pé, agarrado na barra de alumínio, uma batalha entre o que pode ser a justiça dos fatos e uma certa crueldade com o parceiro de turno. “Eu não era assim! Estarei me tornando alguém oco de sentimentos?”. Daí, evidentemente, escolho ser benevolente no autojulgamento. “É a idade, é a falta de traquejo, a obsolescência. Nossa, nem lembrava que dormia esse termo no meu vocabulário. É... Às vezes, esqueço que sou tão velho”.

Ter passado pelo quarteirão dos sentimentos me faz lembrar de Isaura e Fátima e seus sorrisos encantadoramente ingênuos. Por que será que só lembramos dos bons momentos quando perdemos quem amamos? Não consigo recordar de nenhuma desavença, nenhum instante em que elas tenham me decepcionado ou irritado. Mas recordo facilmente de empurrar o balanço e Fátima me pagar com esse mesmo sorriso encantador — uma moeda que sempre achei muito mais valorosa do que a força do meu braço a lhe fazer voar pelos ares repletos de outras risadas na pracinha. Sempre, sempre, sempre recebia o brinde máximo, que me iluminava o espírito para o resto do dia, na forma daquelas gargalhadas infantis, a cabeça pendulando para frente e para trás, num movimento de impulsão alegre, jovial, radiante. Hoje, mesmo muitos anos depois da partida delas, essas risadas continuam me comovendo com a sua graça celestial. São como um presente, do qual eu não tinha tanta ideia do valor terreno até o perder naquele cruel acidente que me fez desmoronar a razão e me estatelou no vício da bebida por anos. Penei vários infernos em cada estação antes de, finalmente, recolocar os pés no chão e renascer num emprego de vigia noturno. Estranho como eu não consigo ter lembranças tantas de Isaura, morta no mesmo evento macabro. Por quê? Por quê?

Por...

Quê?

O ônibus engole mais um passageiro na parada seguinte e me sequestra do território árido dessas lembranças mais dolorosas que gentis — porque é sempre do fim que lembramos com maior vigor —, relincha contrariado e retoma seu movimento. É preciso apressar o passo do veículo, o horário impiedoso o exige do motorista. Percebo que ainda

há algumas descidas e subidas até eu poder me sentar em algum dos bancos esvaziados pelos operários da noite. São quatro paradas ainda a vencer até chegar em São Virgílio. Mas a noite caindo como um véu na cidade tem seus próprios planos antes de cruzarmos mais um bairro.

Entram dois mascarados no coletivo. O adulto rende o motorista e o outro, um reles fedelho, avança pelo corredor angariando celulares, carteiras, bolsas e os pertences de uma gente miserável, sonolenta, indefesa e despertencida. Ele vem direto em minha direção. Não há outro caminho possível no ônibus. O menino mascarado agora está na minha frente, visivelmente eletrificado na sua ansiedade, olhos marejados de audácia e violência, abanando um revólver e exigindo a minha parte de sacrifício. Digo-lhe: “Não há nada aqui para você.” E não que eu esteja mentindo, minha situação é realmente de quase completa indigência. Não tenho mesmo nada para entregar, nem um celular. Nem a aliança de Isaura tive como salvar do penhor.

Num intervalo entre dois piscares de olhos, cheio de reentrâncias afetivas, relembro toda a minha trajetória de tragédia e empobrecimento até soçobrem todos os recursos materiais e imateriais e entrar neste ônibus. Mas sou rapidamente interrompido nesse lapso de tempo de autocomiseração. Ele abana ainda mais freneticamente a arma, quase pula de indignação. “Não tenho dinheiro, nem celular, nem carteira. Só o cartão do ônibus”.

O tiro ecoa nas paredes metálicas do ônibus.

Os passageiros se abaixam instintivamente.

O motorista agarra o bandido ao seu lado e os dois se contorcem num pugilato sem técnica, sem pujança, sem honra e sem fim previsível. Escuta-se apenas a batalha

surda e desesperada pela vida. Grunhidos, pés arrastando, ruídos macios de roupas ásperas se esfregando nos vidros embaçados de pavor. Até que o menino mascarado, de pé ao meu lado, ainda confuso com a minha resistência, desvia os olhos do meu corpo estendido no chão do veículo. Vira-se para o palco da luta e aponta a arma para os dois homens agarrados e se contorcendo na escada de entrada, na frente do ônibus.

Outro estampido percorre o corredor.

Ouve-se um “Ahhhh”, grunhido abafado, amordaçado pelo desalento.

E seu comparsa cai desfalecido. Um homem, ajoelhado atrás de um banco, levanta-se e agarra a mão do fedelho, rouba-lhe a arma e tenta disparar nele. Mas o piá é ágil, tem a juventude ao seu favor, e pula pela janela aberta. Alguém liga para a polícia. O tempo passa devagar, o silêncio do drama vai sendo progressivamente anulado por vozes, sirenes, carros parando. Escuto também as gargalhadas de Fátima ao longe, mas elas vão sumindo, sumindo.

A multidão conversa freneticamente ao lado do veículo encostado perto da praça Bonavides. Comentários ame-drontados, sussurros gritados e gritos sussurrados, descrições unilaterais e testemunhos entrecruzados acompanham os gemidos da noite indo embora. No ônibus, os bancos iluminados pelas luzes da viatura são as únicas testemunhas do desamparo que a gente sente quando a vida vai escorrendo pela ferida aberta na embalagem da alma. Não imagino solidão maior que a ausência de alguém que nos dê a mão nessa hora, embora uma existência solitária talvez percorra o mesmo passadiço, só que mais lentamente. “É... cada vez mais os antigos se tornam solitários...” Os tentáculos do astro-rei, curiosos, se aproximam, vindos pelas frestas do

ônibus para me dar bom dia. Respondo com o que sobrou das últimas forças, porque é de um brinde o que mais preciso agora.

“Bom dia, sol!”

Silêncio e escuridão. É o que resta, no fim.

Contos do Tempo e da Terra, do Fogo e do Mar

*Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vós outros agora no mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que tão forte peito navegais.*

Os Lusíadas, Canto X, 138

Luís Vaz de Camões

Em 1947, Edwin, o mais velho dos três irmãos Beineck, preservando uma maravilhosa tradição da aristocra-

cia americana, inicia a incorporação da sua coleção “Robert Louis Stevenson” ao acervo da Yale University Library. Entre as obras, *A Ilha do Tesouro*, que navegou as mentes de todos os seres juvenis desde sempre, e *O Médico e o Monstro*, clássicos dos clássicos dentre as mais merecidamente famosas obras da literatura mundial. Quarenta anos antes disso, estaríamos presenciando Beineck carregar para as prateleiras de Yale outra joia, ainda mais preciosa, testemunho direto de uma empreitada tremendamente mais dramática e venturosa que a viagem à lua, intempestivamente vislumbrada em 1865 por Julio Verne e materializada cento e quatro anos depois na Flórida. Que obra poderia conter a façanha humana em sua mais impressionante arrebatação?

Recomendo retroceder seu pensamento quinhentos anos e imaginar o mundo como o prezava o cidadão europeu da época. Tente despir da consciência as conquistas que a Ciência trouxe ao habitante das cidades modernas desde a época nascente da colonização das Américas. É preciso desconfiar, quem sabe, que o mundo pode terminar num mar furioso despencando no abismo do espaço, que os oceanos podem surpreender os viajantes com os piores monstros com os quais ainda não se teve encontro; que a coragem dos navegantes não pode terminar antes do inevitável naufrágio; que viver pode ser preciso, mas viajar é um risco insuportável e iminente. Que a vida tem histórias e desígnios que só a fé pode enfrentar.

A obra entregue em 1907 pelo filantropo Beineck chama-se “*Relazione del Primo Viaggio Intorno Al Mondo*” e foi escrita pelo geógrafo veneziano Antônio Pigaffeta, um dos sobreviventes da Expedição Molucas, frota de 5 naus e 250 marinheiros, idealizada e mobilizada pelo português Fernão de Magalhães. Por três vezes o projeto de Fernão foi recusado pela Coroa Lusa, até que ele decidisse apresentar

sua obsessão ao V imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Carlos I, também conhecido como rei de Castela. O monarca instituiu Juan de Cartagena como supervisor geral da empresa por não confiar completamente no português, tomando-o quase como um espião. Ora, tomadas as devidas proporções, o projeto equivalia a um soviético liderar um projeto americano em plena guerra fria. Tomemos também o tempo dos astronautas como uma das referências para entender os navegantes da nossa história. Portugal e Espanha equivaleriam, na época, a Estados Unidos e União Soviética no quesito rivalidade imperialista. Mesmo com todas essas prerrogativas contraditórias, no dia 20 de setembro de 1519 a armada manobrou de Salucar de Barrameda em direção ao oeste bravio, quase que completamente desconhecido. Era mister evitar os mares da África, reservados aos portugueses pelo Tratado de Tordesilhas, em busca das tais especiarias das Ilhas Molucas, na Indonésia.

O relato de Pigafetta, publicado no idioma italiano em 1525, descreve a viagem de circum-navegação da expedição Molucas pelo globo terrestre consubstanciada em três anos do mais atroz sofrimento pela fome, pelo desespero, pelas tormentas, pelo frio, pela incerteza, pela carestia e privação, pelas frequentes enfermidades, mortes e padecimento. O ponto final do angustiante desabafo transbordante de vaidade e orgulho chega logo depois de a nau Victoria, última restante da esquadra, despontar em Sevilha na madrugada do dia 6 de setembro de 1522. No tombadilho castigado da embarcação vinham as dezoito carcaças humanas destroçadas pelo escorbuto e pela infâmia da sobrevivência, desgastadas em sua humanidade e arrastando a glória da impressionante capacidade de autopreservação. Tão extraordinária viagem acostou em mais uma de suas excepcionais propriedades o ineditismo de desafiar a cronologia

da razão e chegar um dia antes na contagem do tempo dos humanos continentais. Fernão morto em combate no caminho, o comando do que sobrou da missão restava assumido pelo ex-amotinado Juan Sebastián Elcano.

Em 1523, um ano depois de entrevistar esse punhado de sobreviventes, Maximilianus Transylvanus, nome latinizado do belga Maximilian van Sevenberg, publicava *Il Viaggio Fatto Da Gli Spagnuoli Atorno A'l Mondo*, contando, em primeira mão e sequestrando a manchete de Pigafetta, a épica viagem dos circum-navegantes, protagonistas da maior aventura humana em todos os tempos. Embora Pigafetta fosse o marinheiro mais talentoso intelectualmente e tivesse, inclusive, pago do próprio bolso para acompanhar a expedição como cronista da viagem, foi por meio de Transylvanus que os europeus souberam da existência de uma tal “Terra do Fogo” no extremo sul americano. Depois de confundir a saída do Rio da Prata com o estreito que atravessaria o continente, Magalhães desceu para o sul do continente e encontrou uma das mais furiosas regiões dos oceanos do planeta, com suas tempestades absurdas e carregando ainda a chegada inoportuna do general inverno, castigando o couro dos pobres marinheiros. Foi em Puerto San Julian, estraçalhada a frota pela brabeza do mar e pelos furacões antárticos, que Magalhães esmagou o motim de Elcano, entre tantas desgraças já a miserar o espírito do comandante.

A seguir, Magalhães teria encontrado uma tribo de aborígenes gigantes, portadores de pés enormes, aos quais lançaria imediatamente o epíteto de patagões, batizando assim toda aquela paragem meridional como Patagônia. E antes de virar os barcos no estreito que levaria às águas do engano que se chamaria Pacífico, teria observado, onipresentemente, fogueiras no mar, nas ilhotas, nas montanhas e

em todo lugar onde pousasse os olhos à noite.

É aqui, na Terra do Fogo, que desembarcaremos da expedição Molucas para conhecer os Yámanas, ancestrais habitantes do extremo sul da América, que levavam o fogo onde quer que estivessem: na tenda da caça, na trilha da montanha, no chão da choza (uma espécie de oca), e até no fundo protegido com areia das canoas, para deslocamento e para pesca. Os colonizadores britânicos, exploradores locais das fazendas de ovinos que desertificaram as pastagens da Argentina meridional e irrigaram as tecelagens inglesas, os chamavam *Fueguinos*. Por mais surpreendente que pareça, raramente os Yámanas usavam vestimentas mesmo no inverno pré-antártico. Nus, passavam óleo de leão-marinho ou de baleia no corpo para enfrentar o frio glacial. E onde quer que parassem, é claro, acendiam fogueiras, as quais foram inevitavelmente avistadas das naus capitaneadas por Magalhães em sua passagem perto do litoral patagônico.

Até 2016 havia em Ushuaia um museu, bem perto do aterrorizante presídio do fim do mundo, que contava a história dos Yámanas e de todas as tragédias responsáveis pela sua extinção. De como chegaram a essa parte do continente há mais de dez mil anos e de como aproveitaram o surgimento dos bosques para aliar-se ao fogo no combate ao congelamento. Das árvores mais poderosas, os Yámanas escavavam o tronco até esculpir suas canoas, imensas ou minúsculas dependendo da finalidade, pois pescar exige um veículo ágil, rápido, e manter o nomadismo exige um barco grande para deslocamento da família e dos mínimos e ingênuos pertences. Continuando a história dos Yámanas, é imperioso contar que a primeira leva de extermínio foi, obviamente, provocada pela chegada do homem branco e suas doenças desconhecidas para o sistema imunológico desse povo até então isolado. A segunda forma de extermí-

nio chegou pela aculturação catequizada pelos anglicanos, fazendo-os perder as referências da sua particular forma de entender o espírito do universo e de se manter unidos na terra. A ambição dos mineradores expulsou inapelavelmente os últimos remanescentes dos pontos ainda virgens da maldade civilizatória. Mas há um interessante mecanismo de extermínio não tão evidente à análise que precisa ser lembrado, uma vez que não temos mais o Museu Yámana para nos avisar.

Entre o povo Yámana existia um tipo de fogueira especial, elaborado quando uma baleia encalhava na praia. Tinha-se, então, alimento suficiente para alimentar várias tribos, aproveitando que o frio mantinha a carne consumível por vários dias. Era o momento de preparação dessas fogueiras especiais, vistas de muito longe e que, dentro do código de comunicação das tribos, indicava a existência de abundância de carne disponível. Então, por dias a fio, várias tribos se encontravam, festejavam e engordavam. Velhos, adultos, crianças. E jovens, preste atenção: jovens de tribos diferentes ali faziam seu cortejamento e se uniam, iniciavam casais, alianças entre diferentes clãs se formavam e as tribos cresciam populacionalmente, evidentemente.

Com a escassez de baleias no Atlântico Norte no final do século XIX, os baleeiros foram cada vez mais para o sul, chegando à Patagônia e exterminando os cardumes da região. Seguiam a trilha deixada por Magalhães, contornando a América em direção ao Pacífico. Cada vez menos cardumes de baleias no sul e, portanto, havia cada vez menos espécimes encalhando no litoral da Patagônia. Menos encalhes, menos fogueiras especiais. Menos fogueiras especiais, menos encontros de tribos diferentes. Menos encontros de tribos, menos casais apaixonados. Menos casais apaixonados, menos aumento populacional. Menos aumento popu-

lacional, menos Yámanas no mundo. Por dez mil anos permaneceram em equilíbrio com a natureza; bastou cem anos de contato com o homem branco para extinguir-se da face do planeta. Em 1881, havia 3.000 Yámanas, passaram a 130 em 1902. Até fevereiro de 2022, restava apenas uma indígena: Cristina Calderón, uma cidadã chilena, última falante nativa da língua Yámana, que vivia na Ilha Navarino e faleceu com 93 anos. Da expedição Molucas tivemos dezoito sobreviventes; da nação Yámana, nenhum.

O Tempo de Cada Um e o Tempo de Todos Nós

Morreu com o quarto cheio de borboletas porque fazia delas um resumo da vida: linda, frágil e breve.

Encontrei-o caminhando, quase correndo como sempre, no parque perto do rio. Absorto, cara fechada e olhando para algum ponto muito distante na orla, sabe-se lá que Preocupações o Tempo leva entre as duas orelhas enquanto voa pela trilha de lajotas. Não me percebeu, tive que gritar para chamar sua atenção, mas logo me reconheceu e iluminou a face com a minha companhia. “Vem, corre! Estou

atrasado!”

Apreseiei a passada para alcançar a ansiedade dele e pensei comigo: “Quem disse que a pressa é inimiga da perfeição não conhecia as manias do Tempo”. Talvez ainda pensassem nos termos do século XX, quando muito se tentava atingir Perfeições que hoje já não fazem sentido. Nem há mais tantos Sentidos que valham a pena aperfeiçoar, sendo a alma humana já triste de tantos fracassos e tentativas de se santificar. O Tempo sabe disso, sabe de Sensos que ainda não encarnaram, mas que nada mais serão do que reincidências dos Sentimentos de séculos passados. É que o Tempo pressente os caprichos de cada época e deles saboreia os anseios, desígnios, propósitos e indícios. Os homens pensam estar descobrindo tudo pela primeira vez, mas o Tempo, ora, o Tempo já testemunhou tudo isso e compreende a impossibilidade de se inventar novos Sentimentos. Todos eles já operavam desde que o Tempo é Tempo e desde antes de a pré-humanidade tornar-se humana, desprendida de um ramo dos antropoides maravilhados em volta do fogo. Você vê isso nos cachorros e nos gatos, não vê?

É muita presunção da nossa espécie assim se considerar como o centro do universo e nele se achar proprietário das matrículas dos seres e das galáxias, um inchaço de vaidade a contaminar tudo que encontrou já presente na Realidade e nos Sonhos. Sonhos? Perguntei ao Tempo: “e por que você não comanda o mundo dos Sonhos?” O Tempo pigarreou, rosnou umas duas ou três tossidas e de lá de dentro dos pulmões veio a confissão constrangida: “Os Sonhos são o único território da Realidade para o qual não tenho passaporte válido”. Então entendi que é nos Sonhos que nos refugiamos do implacável transcorrer das Horas e dos Minutos, os afilhados do Tempo que a humanidade adotou para registrar de alguma forma o envelhecimento

da Existência. Você já reparou que o Tempo dos Sonhos não corresponde ao Tempo da vigília? É que lá o Tempo de Todos Nós não entra. Bingo! Quer frear a passagem do Tempo? Durma e não acorde mais!

Mas isso nos leva à companhia de outra entidade amedrontadora: a Morte. Só ela sabota as tramoias do Tempo, considerando que Tempo de Cada Um tem um Início e um Fim, diferentemente do Tempo que encontrei no parque. Este carrega uma mochila com as ferramentas da Razão e da Consciência porque é preciso ter métricas cartesianas para a Emoção. E, também, o Tempo tem remédio para Tudo. Tudo o Tempo cura. Espiei por baixo da mochila e me certifiquei de que ali estavam as suas asas, pois o Tempo... ora... O Tempo voa. No entanto, por alguma providência que a mente humana não abarca, agora ele estava andando ao meu lado, quieto e feliz de não estar sozinho. A Morte não. A Morte é uma entidade solitária, tanto quanto o Nascimento, e, por isso, menos impactada pela angústia dos Vivos, que se tornam automaticamente Defuntos com a sua presença.

O Tempo é o melhor remédio quando se espera a Dor morrer aos pouquinhos no peito dos Vivos e a aflição dos Sentimentos dissolver sozinha depois de uma pancada no Espírito. Assim continuamos nosso papo, indiferentes ao espanto que as vestes puídas e a longa barba branca do Tempo causavam nos transeuntes do parque. Aproveitei para ser um pouco egoísta e, num lampejo de Coragem que nem Eu sabia que tinha, perguntei ao Tempo o que todo Mortal tem medo de saber: “Quanto Tempo me resta, Mestre?”. Vontade oportunista de conhecer, antes dos outros, o momento dessa visita fulminante. Houvesse uma forma de medir a esperteza do Tempo de Todos Nós, diria que milênios se passaram antes dele pigarrear novamente e trazer lá do he-

misfério norte da sua sabedoria a resposta que ninguém quer ouvir: “Teu Tempo está esgotado. Já vem vindo atrás de mim a Morte para te visitar”. Entendi, resignadamente, que o Tempo de Cada Um nasce emplacado nas batidas do Coração e cada ser já leva na carcaça o número certo de palpitações de toda sua Existência e foi isso que o Tempo de Todos Nós leu na minha mente. Completou: “Será a trilha que cada um escolhe que marcará em cada batida do Coração um significado mais ou menos precioso. Agora é Tarde, já fizeste tuas Escolhas”.

O Tempo se despediu amavelmente na esquina do Shopping para seguir em direção ao centro e me deixou lá, esperando a Morte e pensando nas Escolhas que fiz na vida. A danada chegou, encostou o ônibus na calçada e me transportou até a Parada 65, onde descemos. Dali, carregou-me no colo, já sonolento, para o Quarto das Borboletas. Dormir, dormir, talvez sonhar. Agora, o sono será Eterno e lá dentro não se ouvirá falar em dias ou noites, ou meses, ou anos. Lá o Tempo não passa.

Xeque-Mate Do Louco

Peças na posição inicial.

*f3 | O peão das brancas avança de **f2** para **f3**.*

Sinto que ela abriu o jogo de forma irresponsável, pretensiosamente à deriva, talvez querendo me impressionar com sua ousadia e intrepidez. Mas eu ainda não fiquei convencido da sinceridade desse convite ao ataque. Talvez, em algum momento mais inóspito da vida, tenha eu confiado demais na fachada enganadora das intenções humanas. E agora, esmagado pelo arrependimento, entreve-

ja compadrios por todos os lados, espreitando a qualquer momento o início do desmoronamento das minhas defesas. Faço cara de blefe e finjo ignorar a armadilha, enquanto me recomponho. Minha vez. Vamos sondar o terreno.

e5 | O peão das pretas avança de e7 para e5, ocupando o centro.

Vejamos até onde irá essa falsa hospitalidade. Nem adiantou vir com aquele sorrisinho faceiro no rosto, iluminado por uma alegria não se de quê. Captei instantaneamente o perjúrio comportamental, pensa que sou bobo? Eu sei muito bem onde tenho o gargumilho, entendo do meu pescoço, querida. Sim, também vou lhe atirar uns olhares limpos e macios, querentes de desejo, declarados misteriosamente sem palavras e sem maiores esclarecimentos. Vou encaixar essa piscadela sua com alvoroço controlado, levemente perturbado e com três batidinhas do pé no tapete debaixo da mesa — ainda bem que não faz barulho. E você...

g4 | O peão das brancas avança de g2 para g4, deixando o rei branco exposto.

Tenho que interromper a transmissão dessa partida porque a cena foi invadida por um batalhão de afetos, desordenados, indisciplinados e autoritários. Tomam conta do tabuleiro e só o que consigo enxergar, no meu cantinho da insanidade, são imagens potentes de encontros apaixonados e clandestinos. Vejo nós dois, desneurotizados, passeando de mãos dadas em algum parque furtivo da cidade. Mas logo retomo a razão pelo cangote e a espremo contra a parede: isso que está acontecendo não é verdade. Embaixo dessa camada de acenos e sorrisos, de facilitações enigmá-

ticas em cada lance, certamente há algo à espreita e minha intuição insiste que esse risco seja evitado. Agora só me resta desmascarar o embuste.

*Qh4# | A dama das pretas move-se de **d8** para **h4**, dando xeque-mate. O rei branco, em **e1**, está completamente descoberto e não tem como escapar.*

Xeque

Mate

Você me olha com uma lágrima de felicidade tentando desesperadamente não despençar na face esquerda. Aquela que, você sabe, fica no lado do coração. A noite avançou sobre as sombras do dia e agora é tarde porque a minha crueldade enfrentou sua gentileza. Daí... caí na sua maquinação.

Ela move docemente a mão direita até o Rei Branco e o deita sobre a casa preta, lugar onde nasceu e onde finaliza sua existência nessa partida.

Vergonhosamente, em silêncio, assisto à queda em câmera lenta de cada parede da minha solidão. Os tijolos são antigos, então a resistência é maior, assim como o desassossego e a trepidação do nervosismo. Mas o sofrimento é gostoso, a invasão inverteu o sentido e agora quem finca bandeira no meu território é a sua esperança. Declaro-me dominado e prisioneiro. Graças a você fica evidente, nesse momento, que pode haver algo incompreendido entre nós que ainda teria abastança suficiente para adoçar um pouco a amargura do desamor e da desconfiança. Percebo que podemos estar em plena rendição e desfrutando de uma derrota mútua consentida. A vida, por esperteza, pode ser um jogo com melhor sabor se a vitória for, por vezes, menos importante que o empate.

*O **xeque-mate do louco** é o xeque-mate mais rápido possível no xadrez, ocorrendo em apenas dois movimentos das pretas, aproveitando erros graves das brancas. Esse mate é chamado de «xeque-mate do louco» porque é necessário que as brancas façam movimentos muito fracos logo no início.*

É uma armadilha raramente vista em partidas entre jogadores experientes.

As Canções De Aedo

Meu nome é Aedo, e creio ser o último dos trovadores, pois há anos não ouço falar de mais nenhum colega em atividade nas aventuras de andarilho. Venho de um tempo em que as montanhas dormiam nas entranhas do mundo, em que os pássaros ainda não haviam aprendido a piar, e de quando o caminho do Homem ainda não riscava a relva virgem em que eu pisava. Sou tão velho quanto a confusão dos ruídos da mata, que começavam a se organizar para parir algo que depois chamaríamos de música. Vi tudo isso nascer, crescer, gerar aldeias, tribos, povos e nações, desentendimentos, guerras e extinções, pois a estrada da minha vida começa no princípio das eras antigas, no presente dos que já foram esquecidos.

Foi a Música quem me salvou da desistência da ética quando perdi a visão durante uma chuva de meteoritos e seus misteriosos gases venenosos. Apreendi a cantar minhas experiências por indução, pela teimosia e pela compaixão da natureza, que se apiedou da desgraça de um indigente do destino. E lá me fui, por terras tortas, tateando no vazio das almas e na esperança do encontro. Minha fé me empurra para uma cidade mítica, cujo nome ainda preciso descobrir – e espero fazê-lo antes que perca o andamento. Lá, preciso cumprir o final de minha missão neste plano da existência: cantar minha última canção para os Deuses, que aguardam, já impacientes, o término desse ciclo de devoção.

Numa aldeia perdida nas montanhas, cheguei e fui imediatamente amparado pelas mãos dos subúrbios, atentas às mudanças que os esquisitos sempre trazem. E, antes que pudesse contar qualquer coisa a elas, avisaram-me que ali a noite tinha se despedido das estrelas. A cidade não conhecia os astros brilhantes desde que os heróis locais, revoltados em busca de justiça pelas suas crianças natimortas, tinham desafiado os desígnios da incerteza. Lembrei-me de uma lenda sobre os guardiões dos céus e do destino da humanidade, e cantei naquela noite, na praça da cidade, a Canção da Profecia, que previa o final dos tempos quando as estrelas parassem de brilhar. No meio da canção, senti na epiderme as flutuações das ondas confusas das mentes e dos corpos dos habitantes, assustados com o péssimo presságio que eu trazia. Amavelmente, interromperam a canção, deram-me água, mantimentos, novas roupas e me indicaram outra trilha para a saída dos seus corações, envergonhados por desacolher um pobre cego andarilho e entregá-lo novamente a um destino indecifrável. Os anos que acumulei foram suficientes para interpretar, mais uma vez, que nunca estamos preparados convenientemente para a rendição que

a vida exige. E continuei minha andança.

Senti o cheiro do mar na terceira noite, e para lá me dirigi, sabendo que no mar os homens encontram alimento, energia, temperança e boa-fé. Albergado pelos pescadores, pude dar a eles o conhecimento da Canção de Jeremias, que se apaixonou por uma sereia e com ela inventou uma dança com a qual fazia o mar obedecer às suas vontades, por mais loucas que fossem. Meus ouvidos captaram espertamente o espanto e a modéstia dos ouvintes deslumbrados, que não me deixaram pausar enquanto não lhes revelasse o que mais poderia acontecer para um casal tão extraordinário. Certamente, na esperança de transformarem suas próprias vidas em algo mais determinado que a miséria de suas orações. Cantei o final da história em versos Alexandrinos, carregados de intervalos e rimas adocicadas, mas não consegui dissipar o temor que instalei entre seus sentimentos marinhos. Tive que delatar a saudade da sereia, que a arrastou de volta para o fundo do oceano e aprisionou Jeremias em uma nostalgia infinita. Não pude esconder que, ainda hoje, ele dança todos os dias na beira da praia, cada dia uma nova dança, na esperança de trazer sua amada de volta. Embora essa canção seja muito triste, trouxe ao pessoal da beira-mar um cadinho de mistério e de fé nas ondas do mar que nunca havia germinado até então, cativos de tanta humildade e complacência que eram os habitantes dessa aldeia.

Do mar, não sei como, talvez impulsionado pela força da vontade alheia, cheguei rapidamente ao Deserto dos Ventos Violentos na terceira noite de caminhada. Continuando, desde a última vez que passei aqui, uma paragem-oásis de tribos nômades, transeuntes das areias ferventes do esquecimento. Para eles, pude cantar a antiga Lenda dos Dois Deuses, da Tempestade e do Trovão, que percorriam a

noite dos séculos guerreando, rajadas trocadas e trançadas num caleidoscópio sonoro e visual, relampejando na eferescência do deserto. Por milênios, os ventos de norte e sul batalharam animadamente até que um jovem mortal descobriu uma canção encantada capaz de domá-los e convertê-los em suaves brisas, que acariciavam as tulipas negras dos oásis. Mas o problema do ser mortal é que ele não dura para sempre. E assim que a velhice e as doenças do espírito conduziram o bardo ao seu descanso eterno, a canção se perdeu. Egoísta que era, como todos os mortais sem exceção, nunca se preocupou em deixar um herdeiro de suas competências.

O conhecimento, portanto, é um dos fios que conduzem o primata da condição de antropeide para humano. O outro é o senso de bondade. E desses dois condutores temos adoradores espalhados nas posições mais importantes e cobçadas das aglomerações mundanas, prova da irrefutável capacidade de criar, desde sempre, tanto rotas de fraternidade quanto de extermínio da nossa espécie. Foi para o Rei Raja-Vidya que pude aprofundar a Canção sobre o Sábio que Desejava Dominar Todo o Conhecimento do Planeta e, em sua busca inesgotável, encontrou, nas terras do gelo eterno, Tianlung, o dragão que continha todos os segredos do universo. Tão grande era a ambição do sábio que ele acabou por oferecer a Tianlung a sua própria alma em troca do saber absoluto. Conseguiu o que quis: o dragão lhe conferiu a carga de sapiência pretendida. Mas o fardo dessa propriedade cobrou caro por suas responsabilidades conexas e o sábio começou a envelhecer um ano a cada mês. O desespero invadiu a rotina e ajudou a consumir ainda mais rapidamente as suas forças, também, pelo pavor de morrer rico de entendimento, mas pobre de experiências. Num fulgor de impavidez, suplicou ao dragão que lhe investisse

da ignorância novamente. Então, tive que parar de cantar. Raja me perguntou avidamente como terminava a história, mas fui obrigado pela honestidade a confessar que não sabia como a canção terminava, pois não invento as histórias de minhas músicas. Só o que pude fazer foi consolá-lo com a verdade irrefragável da consciência: a ignorância abençoa quem não está preparado para o conhecimento.

Continuei a marcha por mais alguns anos até sentir o cheiro estranho de uma doce alfazema e sussurros voejantes pairando e bailando em volta dos meus cabelos. Naquele momento, paralisado pela compreensão adquirida por séculos de perambulação, caiu-me a certeza: cheguei à almejada cidade, onde completaria o ciclo da minha missão terrena. Não seria necessário nomear o lugar: ali percebi a verdade dele já impressa no meu coração desde que nasci e, enfim, teria a oportunidade de prestar contas do meu repertório aos Seres que pilotaram silenciosamente meu talento por tantos palcos e calendários. O cansaço de toda uma vida finalmente se impõe, e percebo, maravilhado com a poética do verso final, a presença invisível de todos os reis, magos, sábios, guerreiros e camponeses, de quem consegui enlevar a rude existência com o poder contido em cada melodia dos indivíduos que conheci e que transformei. Por fim, compreendi em sua plenitude o que a alma já sabe desde o princípio de tudo: cantar é conversar com os Deuses.

Kon-Tiki E As Ideias Que Nos Movem

*Até onde você está disposto a ir para defender as suas
ideias?*

Na mitologia nórdica, *Thor* era filho do grandioso *Odin*, o chefe dos Deuses de *Asgaard*. E, entre os poderes que lhe faziam merecer o apelido de Deus do Trovão, campeão das forças mágicas do Olimpo viking, estava a posse do Martelo *Mjolnir*, o “relâmpago cintilante”. O martelo não lhe servia apenas para estraçalhar e esmagar seus inimigos, mas também era capaz de, imagine você, alimentar o Deus *Thor* ressuscitando os bodes *Tanngrísnilr* e *Tanngnjóstr*, que

arrastavam sua carruagem pelos confins do universo. Toda vez que isso se fazia necessário, *Thor* cozinhava seus bodes e depois, não havendo nenhum prejuízo aos ossos dos animais, utilizava o martelo fabuloso para a espantosa operação de regenerá-los. E lá iam eles, obedientemente, posstar-se novamente à frente do coche resplandecente, prontos para reconduzir *Thor* ao combate contra gigantes, *trolls*, monstros, ferozes guerreiros nórdicos *berserkers* e contra as feras das montanhas.

Em 1947, outro Thor, provavelmente filho de um amante da mitologia escandinava, atravessaria o oceano pacífico navegando seu próprio “*Mjolnir*”: a jangada Kon-Tiki. Numa teimosia própria das grandes personalidades históricas, levou às últimas consequências sua convicção continental: provar que os antigos povos da América do Sul seriam capazes de povoar o arquipélago da Polinésia, no sudeste oriental. Thor Heyerdahl, um antropólogo norueguês que percebeu inúmeras equivalências culturais entre essas civilizações americanas e asiáticas, decidiu construir uma embarcação com os materiais disponíveis na antiguidade e viajar do Peru até a Polinésia, nas mesmas condições e utilizando as correntes marítimas como guias da empreitada, para demonstrar concretamente essa possibilidade.

A jangada foi construída com madeira de balsa, uma árvore da mata amazônica absurdamente leve e resistente. Respeitando o nível tecnológico vigente na época dessas civilizações pré-colombianas, nenhum prego ou peça metálica foi empregado na construção da embarcação: os troncos e toda a estrutura foram amarrados com cipós de cânhamo. Mais tarde, a cólera das ondas gigantescas do Pacífico provou o acerto dessa providência, uma vez que as cordas molhadas encolhiam, ajustavam-se e enterravam-se fundo nos troncos, mantendo apertadas as amarras e o esqueleto da

jangada. Foi assim que se conservou a nau integrada e resistente às descomunais muralhas hídricas que enfrentaria nesse caminho infestado de contingências quase mitológicas.

Thor conseguiu reunir mais cinco seres completamente insanos como ele, dispostos a arriscar suas vidas e suas reputações num empreendimento maluco, sendo que alguns nunca tinham pisado num barco como marinheiros em toda sua vida: um engenheiro, um navegador, dois operadores de rádio e um antropólogo. Detalhe: entre estes, dois heróis da Segunda Guerra Mundial, recém terminada. No dia 28 de abril de 1947, a Kon-Tiki e sua irrequieta tripulação saiu de Callao, no Peru, empurrada pelas tranquilas correntes da região e pelos ventos alísios rumo ao oeste, descortinando na sua proa a imensidão infinita do Oceano Pacífico. Mal sabiam da antipatia tremenda que *Aegir*, o chefe das águas, nutre infantilmente contra aventureiros que o desafiam de peito tão desavisado. E não poderiam ter deixado mais desobstruídos os peitos, os flancos, os olhos e todos os outros sentidos durante toda a travessia do oceano. Assim, puderam testemunhar e misturar-se aos fantásticos seres marinhos que a natureza desoculta quando, ao invés de viajar num sossegado tombadilho distante trinta metros do nível da água – como o tem os barcos transoceânicos –, podiam estender o braço e alcançar com as próprias mãos as garoupas na superfície extremamente próxima do mar. Na verdade, nem isso precisava. Bastava esperar que os animais aquáticos pulassem do mar para dentro da embarcação ou abater os cardumes de peixes voadores que distraidamente planavam entre os mastros da vela.

Os momentos iniciais da jornada mostraram-se extremamente traiçoeiros. Depois de reclamarem bastante da lentidão e da falta de arrojo dos ventos na saída da América, foram tragados numa rota plena de tempestades e fura-

ções que chicoteavam a minúscula jangada em turbilhões absurdos, despejando ondas gigantes e ventos enfurecidos logo nos primeiros capítulos da novela. Foi quando perceberam a incrível e imprevista durabilidade da construção da embarcação, garantida heroicamente pela elasticidade das cordas e pela leveza da madeira. Não somente os eventos meteorológicos abusavam da resiliência dos argonautas escandinavos, também a fauna marinha vinha lá dar suas beliscadas na paciência e na já desmilinguida fortaleza navegante. Encorajados pela precariedade das defesas da bal-sa, os assanhados tubarões que rondavam diariamente os viajantes sentiam-se animados a participar da empreitada e disputavam loucamente a primazia de abocanhar as carnes magras e tostadas dos marinheiros. A fome enlouquecedora arrebatava alguns espécimes mais ousados a saltar para dentro da jangada, obrigando os marinheiros a expulsá-los agarrando-os pelo rabo e atirando-os de volta ao mar. Imensos cardumes iluminados e efeitos fantásticos da flora e fauna microscópica oceânica, como a noite em que o mar ofuscou as estrelas com brilhos mágicos, pulsantes e resplandecentes, roubaram muitas vezes o sono dos oceanautas, embevecidos pela poesia inimaginável que uma viagem desse porte e dessa natureza marinha desconhecida é capaz de produzir em corações terrestres. Emoldurado pelo bailado dos golfinhos, pela melancolia do luar e pela impetuosidade das correntes oceânicas, o surpreendente caminho enfeitiçado pela divindade das maresias marcou esses seis humanos corações de uma maneira que jamais desapareceria de suas memórias.

Tanta movimentação confinada e tantos percalços encarcerados na rotina tendem a dilapidar as horas rapidamente e marcar o ritmo da trepidação mental humana numa velocidade diferente do tempo contado no calendá-

rio. As emoções individuais, nesse ponto de revolução do cronômetro convencional, acabam por se tornarem incompetentes para absorver a tensão e o desassossego de tanta incontinência. É simplesmente impossível, num território comunitário de 14 metros de comprimento por 5 metros de largura, manter saudável o equilíbrio psicológico, restrito a um relacionamento social tão extraordinariamente enclausurado por mais de cem dias. Com os ânimos constantemente recebendo carga implacável do sol, com apenas a visão de água infinita por todos os lados e regando a motivação sem garantia nenhuma de sucesso nessa dramática aposta, é de se esperar que a partir de algum momento o espaço psicológico de cada um se sentisse brutalmente invadido, produzindo comportamentos esquizofrênicos entre as frestas da convivência. Um rádio servia de comunicação e consolo para a tripulação entre as noites de calma, bordadas com o brilho de uma eletrizante cúpula estrelada e pelas aflições compartilhadas nesses corações desamparados no meio do nada. Mas nem sempre o aparelho funcionava, amplificando com esse vácuo a agonia da solidão. Cento e um dias assombrosos depois da sua partida no Peru, a Kon-Tiki chegaria ao arquipélago Tuamotu, na Polinésia francesa, guiada pelas estrelas e pela persistência e bravura de seus formidáveis marinheiros.

Haverá sempre um orgulho da espécie humana pelas suas conquistas maravilhosas e pela sua capacidade de concretizar em ações memoráveis a genialidade e a valentia de alguns dos nossos representantes. A equipe que se atirou no mar habitando uma casquinha de palitos movidos a vela de pano atestou indelevelmente que a ideia motriz de toda aventura respeitável começa no coração, invade a mente e distribui-se pelos membros do corpo de uma forma tão intensa que hoje, oitenta anos depois dessa odisséia, é ainda

incompletamente compreensível para a razão. Heyerdhal provou ser possível, depois de oito mil quilômetros viajados num oceano endiabrado, colocar a sua proposta acima de todos os riscos que a vida poderia enfrentar. E vencer até mesmo na derrota. Ainda que tenha sido provado, anos depois, pela comparação genética entre os povos em questão, que esse arquipélago foi, na verdade, povoado por asiáticos e não por americanos, a batalha de Heyerdhal pela sua convicção conferiu a essa missão um orgulho da raça humana poucas vezes certificado na História. E, mesmo derrotado na sua hipótese, serve de exemplo de como é importante lutar pelas ideias que nos movem, porque, essa sim, essa é a batalha que vale a pena. Nunca haveremos de saber como seria exatamente o martelo do Deus Thor, mas a jangada **Kon-Tiki** original está em exibição no **Kon-Tiki Museum** em Oslo, Noruega, como um tributo à extraordinária jornada e ao espírito de aventura que ela representa, muito mais real e verdadeira que o enfrentamento de gigantes, *trolls*, monstros, ferozes guerreiros nórdicos *berserkers* e feras das montanhas.

Gustavo e Aline

Pensou que era um ônibus, mas não. Era a sua própria angústia que o atropelava de mansinho, passando com as duas rodas esquerdas sobre um coração já estropiado pela atrapalhão da gigantesca timidez e pelo tumulto da batalha sentimental que agora encontravam um desfecho. Paralisou de uma forma tão densa que tiveram que trazer um carrinho reforçado para levantá-lo do chão e enviá-lo à esperança ainda sediada no hospital próximo. A princípio, os transeuntes preocupados e verdadeiramente interessados na recuperação da saúde dele corriam de um lado para outro como baratas desbaratadas pela luz de uma cozinha acesa repentinamente. Mas, aos poucos, foram dando-se conta de

que a letargia do corpo dele era uma casca poderosa, mas não passava de uma casca, pois o miolo conservava preservados os seus sinais vitais. Então, entregaram suas preocupações ao desvelo de Deus e o paciente à equipe médica de plantão.

Na triagem, o alvoroço congelado do moço foi rotulado como “caso leve para mediano”, e ninguém se deu conta da amplitude da destruição interna corroendo a mente do rapaz. Lá dentro, o entendimento flutuava entre lembranças e sentimentos metodicamente arrasadores e, aos poucos, ia desmoronando silenciosamente. O que havia de pessoal e corriqueiro na vida dele foi se extinguindo suavemente, apagando aos pouquinhos como toco de vela derretida, dissipando episódios e vontades da vida breve. Gustavo foi, gradativamente, perdendo domínios no cérebro que não tinham mais sentido desde as dez horas da manhã daquele dia.

Foi nesse horário que Aline atravessou o pátio, atendendo ao toque apertado tão de mansinho que teve que esperar a repetição para ter certeza de que era a campainha de sua casa mesmo. Quando abriu a porta, lá estava Gustavo, agarrado a uma senhora, fitando-a estarecido e começando a arregalar os olhos. Só teve tempo de dizer “Sim?” antes de perceber que o rapaz estava entrando numa espécie de paralisia corporal. Ainda ouviu um suspiro lamurioso e suplicante antes de perguntar “Você está passando bem?” e se dar conta de que aquele adolescente que apertou o botão da campainha, que ela nunca vira na vida e agora estava na sua frente vindo do nada, agarrado a uma senhora que parecia ser sua mãe, estava parando de responder aos estímulos externos.

Repetindo só para retomar por essa trilha: Aline nun-

ca o tinha visto na vida. Melhor explicando, nunca o percebera a ponto de ter vontade de conversar ou iniciar com ele qualquer tipo de relacionamento, por mais superficial que fosse. Mas Gustavo a observava desde garoto pequerrucho. E dentro da sua vida mental, Aline era a imagem da beleza e do encanto de uma forma tão intensa que ninguém ou absolutamente nada, nada, nada poderia suplantar. Dentro do fluir elétrico subterrâneo entre os hemisférios cerebrais do moço, a visão da donzela era o motor de sua completa e infinita paixão. Testemunhava todos os minúsculos passos 32 dela, desde a manhã até a hora em que o cansaço lhe esmagava a obsessão, quando Aline passava a habitar os sonhos. Os sonhos de Gustavo tornaram-se, a partir daquela fixação, territórios povoados de devaneios juvenis nos quais ela era a heroína onipotente e onipresente tal como essa dependência tinha se instalado na sua realidade.

Nem os pais de Gustavo desconfiaram de nada, ocupados que estavam em combater camundongos imaginários, impertinentes, supostamente brotando de todos os orifícios da antiga e decadente mansão enterrada no Baixio do Navalha. Permitam-me abrir um pequeno parêntese aqui: sabe-se que a imagem do valente barbeiro ainda suspensa nas lembranças da comunidade dera, com o devido merecimento, o apelido que acabou como nome e sobrenome do lugar. Pois foi nessa casa um tanto absurda na desesperança que Gustavo nasceu e cresceu, absorvendo daquelas pessoas o clima carente por afeto e sendo sutilmente contaminado pela lúgubre ambiência de solidão que percorria os corações delas.

Os anos passam e vamos encontrar Gustavo abrindo os horizontes de suas percepções e experiências relacionais, mapeando as possibilidades tanto no tempo das ações humanas como nos cenários ambientais da concupiscência. A atenção do rapaz repentinamente encontra um alvo avas-

salador, esmagador, encantador, contra o qual não existem defesas postas. Os mecanismos do Ego prostram-se, esgotados, em homenagem e em rendição incondicional à criatura musa do novo momento da ingenuidade.

Gustavo descobre a existência de Aline. Tudo o mais que não seja Aline extermina-se aos pouquinhos nos recantos mais longínquos e capilares das memórias recentes ou antigas, vaporizando seus laços com a razão. Seguiu a moça até a casa dela, sempre escondido e olhando de longe, incapaz e inválido para a coragem de deixá-la sequer perceber a sua vigilância quieta e disfarçada. Tanto fez e tanto tentou para espiar a vida da menina que um dia subiu a rua e descobriu o ponto mais favorável para avistar o pátio e a parte externa da casa de Aline. Dali ele podia saborear fugazmente a passagem da musa de uma porta para outra no jardim, procurando as ferramentas para o pai. Conseguia enxergar até a garagem e um pedaço do carro quando este estava estacionado na residência dos vizinhos, o que já lhe servia como aviso de quando o “sogro” estava na guarda da família.

Gustavo, obviamente, ficou absolutamente fanatizado quando descobriu os perfis de Aline nas redes. Coleccionava fotos e momentos, primeiramente numa idolatria juvenil inofensiva até mesmo para ele e seus fetiches. Mas a pressão psicológica foi crescendo dentro das agonias complicadas por hormônios fervilhantes e erupções emocionais típicas dessa fase da vida. Gustavo foi se recolhendo à sua vigília digital, perdeu o caminho da rua e aprisionou o coração numa angústia degradante. Seus amigos acostumaram-se com sua ausência e seus pais já não tinham energia para implicar com a teimosia do seu isolamento.

Foi um pouco depois de o pai de Gustavo morrer que

ele chorou de egoísmo na frente de sua mãe, pedindo pelo amor de Deus que ela não falasse com a moça da casa rosa com os arcos na varanda. Mas dele ela não aguentava mais a covardia e atravessou a quadra para apertar a campainha, com a mão de um histérico Gustavo tentando segurar a sua. Enquanto um jogo de empurra entre mãe e filho se travava na soleira da casa, a porta abriu e viu-se descoberta a moça em corpo inteiro, sorrindo, surpresa com a presença, mas educadamente tranquila para conversar com a senhora e seu filho ali na sua frente.

Gustavo a encarou e viu passar, nesse momento, todas as fotos, filmes, lembranças, comemorações, encontros, beijos, abraços, carinhos, intimidades e afetos que imaginou e nunca realizou com Aline. E a potência dessas sensações derreteu o que ainda o mantinha de pé na beira do abismo. Quem sabe a violência do impacto da realidade não puxara do fundo de Gustavo as fraquezas de sua personalidade e o incapacitaram instantaneamente quando viu seu momento da verdade ante Aline-de-carne-e-osso? Esse é o momento em que todas as imagens e fantasias, pairando sobre o corpo dela, finalmente pousam e se amalgamam num objeto poderoso, invencível na sua verdade, e diante do qual a fragilidade da existência perde o sentido? O que se faz numa hora dessas?

Gustavo decidiu ir embora. E deixou lá no hospital o seu corpo sem alma, ainda pulsando, mas sem mais nenhum sentido para a vida. Aline foi real demais para o que ele podia suportar.

Saiu Para Comprar Um Peru E Voltou Com Uma Estátua

Era uma manhã de véspera de Natal, e Haroldo acordou ouvindo as propagandas na TV com trilha de sininhos e muitos ho-ho-ho em cada comercial. O cheirinho dos quitutes sendo preparados na cozinha inundou suas narinas e fez Haroldo erguer-se num pulo, salivando como um cachorro famélico. Dona Veridiana percebeu os movimentos vindos do quarto e apareceu na porta, com as duas mãos na cintura e um sorriso emoldurando a arcada linda, branquinha e reluzente.

- Haroldo, bom dia, meu amor... já providenciei as bebidas, a farofa, o cuscuz, o panetone... agora só falta você buscar o peru no mercado!

Deu dois passos em direção à cozinha e subitamente um pensamento travou sua caminhada. Voltou e lascou a complementação da ordem:

- Nada de inventar moda, Haroldo. Peru. Grande, bonito e temperado.

Ele assentiu com um suspiro, vestiu a roupa tranquilamente, pensando em cada possibilidade de encontro com algum amigo para um cafezinho, colocou o chapéu e saiu para o centro da cidade. O mercado municipal estava lotado. A ansiedade mundana e popular espremia os corações angustiados entre os corredores, disputando freneticamente desde frutas exóticas até enfeites de última hora. Haroldo se deslocava no corredor do mercado empurrando sutilmente a massa de gente à sua frente, sufocado pelos suores da agonia popular e esmagado pela energia corpulenta da multidão. Caminhava com passadas decididas em direção ao setor de carnes quando, na esquina do corredor leste com a alameda norte, algo sugou sua atenção. Era um pequeno antiquário, com uma vitrine repleta de objetos curiosos.

No meio do caos natalino, a tendinha vazia no mercado lotado parecia um oásis, um instante quase mágico. Um brilho dourado refletido pela vitrine fisgou seu olhar. Era uma estátua. Mas não era qualquer estátua, era o objeto de desejo acumulado há anos, uma querência adormecida no coração desde a infância, a imagem que o atormentava em seus sonhos pelo menos uma vez por semana. Ali estava ela! A estátua dourada dos sonhos! A santa coberta por um véu dourado, estranhamente elegante e naturalmente bizarra ao mesmo tempo. Onde já se viu um véu dourado?

Haroldo não sabia dizer por que, mas sentiu que precisava imediatamente daquela estátua, antes que mais alguém a levasse e roubasse seu sonho.

Empurrou, um pouco amedrontado mas muito emocionado, a porta do antiquário, que rangeu como se não fosse movimentada havia anos. Lá dentro, o ambiente caoticamente organizado tinha um cheiro nostálgico de madeira antiga e mistério novo. Atrás do balcão, um homem oriental, magro, de idade indeterminada, o saudou com um sorriso.

- Veio por ela, não foi?

Apontando para a estátua antes mesmo que Haroldo pudesse abrir a boca. Confuso, Haroldo gaguejou.

- Bem, eu... eu estava indo comprar um peru, mas... não consegui resistir...

O vendedor sorriu ainda mais maliciosamente, como se ouvisse algo já esperado.

- Essa peça é única. Dizem que traz sorte e prosperidade para quem a possui.

Haroldo franziu a testa, agora sim, desconfiado, mas não conseguia tirar os olhos da estátua. Sem entender muito bem o porquê de estar evoluindo nessa negociação, perguntou o preço. Era caro. Bem mais caro que o peru.

Algo dentro dele, contudo, parecia implorar que ele precisava levar aquela estátua. Tinha alguma coisa nela que arrebatava suas defesas lógicas, dissolvia a sua resistência emocional e enterrava a responsabilidade familiar. Fez um rápido cálculo mental, lembrando-se do dinheiro reservado para o jantar, e, numa tentativa de driblar o arrependimento, entregou as notas destinadas ao peru e mais tudo o que tinha na carteira ao vendedor. Quando saiu do antiquário com a

estátua embrulhada em papel pardo, uma mistura de euforia e culpa instalou-se no seu espírito.

- O que foi que eu fiz?

Compungido e envergonhado, deu meia volta para desfazer o negócio. Mas voltou à esquina do corredor leste com a alameda norte e não havia mais antiquário lá. Deu a volta no bloco, esquadrinhou todos os outros corredores cada vez mais desesperado. Nada. O antiquário sumiu!

Voltou arrasado, cabeça prostrada, coração esmagado pela culpa, ignorando no caminho os amigos no café da padaria e os zeladores dos edifícios, seus parceiros de jogo e conversa fiada. Chegando em casa, encontrou a esposa na cozinha, cheia de expectativas. Ela olhou para o pacote em suas mãos e arqueou as sobrancelhas.

- Haroldo, o que é isso?

Ele hesitou, pensando em algo convincente, mas acabou entregando a verdade.

- Bem... eu ia comprar o peru, mas vi essa estátua e... não consegui resistir.

Dona Veridiana ficou em silêncio por um momento, o olhar oscilando entre a raiva e a incredulidade. Então, soltou uma gargalhada.

- Haroldo, você é um caso perdido! Agora nós não temos peru, mas pelo menos temos uma... coisa dourada?

E saiu rindo-se com as irmãs, já acostumada com as presepadas de Haroldo. Naquela noite, o jantar de Natal foi improvisado com o que havia na despensa. Apesar da ausência do peru, a família riu e brincou ao redor da mesa, e a estátua se tornou o centro das piadas. Alguns meses depois, Haroldo recebeu uma ligação inesperada de um colecio-

nador, oferecendo uma quantia exorbitante pela peça. Ele nunca soube como o homem descobriu que a possuía. Mas dizem que esse colecionador sonhava constantemente com um peru de Natal e no recibo do peru estava o telefone de Haroldo.

Aconteceu Depois Do Natal

Era uma noite quente e úmida, os corpos transpiravam mesmo na madrugada, quando as estrelas adormeciam pequenininhas no céu. Os homens seguiam os camelos mordorrentos no escuro para fugir da crueldade do sol. Mastigavam damasco compulsoriamente, tentando manter o corpo hidratado e ocupado com algo que não fosse o torpor da solidão no deserto. Ao longe já se viam as luzes da cidade, talvez mais duas horas de caminhada até atingir algum ponto de descanso para a tropa.

Mas no caminho havia uma casinha humilde e isolada, construída com pedras e soldada com barro e palhas, coberta com telhado de feno e ventilada por janelas pequenas,

tapadas por tábuas improvisadas. A luz da lareira bruxue-
lando e a fumacinha saindo da chaminé denunciavam a pre-
sença de alguém acordado ainda nessa hora da madrugada.
Os três reis resolveram, então, ir pessoalmente falar com o
morador da casinha.

Moveu-se a porta antes mesmo que alguém chamas-
se ou batesse palmas. Rangendo clamorosamente, a porta
abriu e apresentou a figura de uma velhinha, lenço branco
na cabeça, andrajosa e desdentada, mas muito simpática.

- Vocês demoraram.

Sem que ninguém tivesse informado, a velhinha sa-
bia que a jornada sofrera alguns percalços, distribuídos cri-
minosamente pelo Rei Herodes por toda a Judeia. Tenta-
vam evitar as ordens de massacre dos inocentes, presentes
em cada povoado, e por isso também viajavam à noite. La
Befana acolheu os viajantes, apontou os caminhos desco-
nhecidos da guarda pretoriana e os provisionou de água,
queijo e amêndoas para garantir a saúde dos tropeiros em
sua missão sagrada. Depois do descanso e antes de retomar
a estrada, Gaspar ainda conseguiu ver a vassoura de palha
levitando no canto da sala.

La Befana despediu-se deles com os olhos já mareja-
dos de arrependimento, porque o futuro era um livro aberto
na sua cabeceira. Deveria ter acompanhado o séquito.
Era a sua oportunidade de conhecer a maravilha que estava
chegando ao mundo, anunciada pelo movimento dos céus e
pela estrela solitária que se impôs no firmamento, guiando
os reais andantes no seu caminho de luz. Desde então, para
aplacar a dor da contrição, tem usado aquela vassoura para
encontrar em cada criança desse mundo a santidade perdida
num momento fugaz no firmamento, quando pôde desco-
brir a magia do Natal, mas a deixou escapar pelas areias do

deserto da solidão.

A lenda da Befana é uma tradição natalina italiana que mistura elementos folclóricos e cristãos. Segundo a história, a Befana é uma velha senhora que voa em uma vassoura na noite de 5 para 6 de janeiro, véspera da Epifania, visitando as crianças para deixar presentes. Reza a lenda que os Reis Magos, em sua jornada para encontrar o Menino Jesus, pararam em sua casa para pedir informações e convidaram-na a acompanhá-los. Ela recusou, mas depois, arrependida, tentou encontrá-los levando presentes para o menino. Incapaz de localizá-los, passou a distribuir presentes a todas as crianças, na esperança de encontrar o Salvador. Desde então, a Befana é representada como uma figura bondosa, mas travessa, que deixa doces para as crianças bem-comportadas e carvão para as travessas. Essa tradição é especialmente forte na Itália central, onde festas e desfiles celebram sua figura icônica.

Bolt, Isadora E Isabel

Bolt não estava lá na casa antiga quando Isabel morreu. Mas foi o único que encontrei quando voltei para casa e precisei desabafar e entregar meus rancores ao esquecimento. Seu rabinho abanando alegremente foi a primeira coisa capaz de me tirar do torpor da morte de minha filha, linda, amada, inesquecível Isabel. Meu mundo inteiro agora resumia-se naquele rabinho balançante, peludinho e feliz. Quem sabe a felicidade de Bolt me trouxesse de volta à tona e me desse alguma razão, por mais frouxa, irracional e insensata que houvesse, de continuar vivendo.

Fui fazer um café. Porque é sempre ao café que recorro quando não sei o que fazer. Instintivamente, puxei

conversa com Bolt.

- Você é que é feliz, Bolt, você tem a mim e eu nunca o abandonarei, porque você é, agora, talvez a única possibilidade que tenho de não me atirar debaixo de algum caminhão ou me atirar desse décimo andar desse edifício nojento, dessa vida triste e vazia. Ainda bem que tenho você.

Bolt me rodeava faceiro e latindo mansamente, num ingênuo contraponto à minha brutal melancolia. Mas ele sentiu que eu estava arrasado e veio encostar-se nas minhas pernas, apoiado nas patas traseiras, com a linguinha comprida lambendo o ar, me dando todo o carinho que vinha de seu coração pequenino e adocicado, um ser de luz a iluminar com seu amor a minha infelicidade. Nem o café me manteve alerta, talvez fosse um mecanismo de defesa tentando me poupar daqueles momentos inconsoláveis. Atirei-me de roupa e tudo na cama e adormeci observando aquele rabinho abanando ao lado da cabeceira.

Sonhei com Bolt me puxando para o parque, onde encontrava seus amiguinhos e onde levava Isabel na pracinha com os brinquedos de madeira. Eis um lugar na minha vida onde fui feliz e onde os rastros de Isabel deixavam um aroma de infância capaz de disparar todos os gatilhos das minhas emoções. Bolt era o bichinho preferido dela, e essa preferência passou de filha para pai com uma facilidade tão grande que as manias do cachorrinho quase se confundiam com as manias da criança. Resultado do amor que ele trouxera para dentro daquela casa que habitávamos desde que Isadora nos deixara, com Isabel ainda nenê no berço. Ela nem chegou a conhecer a mãe.

Mas conheceu Bolt. E Bolt agora passava a ser o elo entre a minha triste nostalgia e os momentos de felicidade ao lado da filhota brincando com o cachorrinho.

- Já está na hora de você acordar e enfrentar a vida novamente.

Olhei para a beira da cama e não tinha ninguém, olhei para o resto do quarto, levantei-me, fui até a sala, procurei na cozinha, no banheiro... nada!

- Quem você está procurando?

Olhei para o chão e não acreditei. Era Bolt falando.

- Não acredito! Você está falando comigo? Você entende o que eu digo?

- Eu SEMPRE ouvi você.

Ele me explica que adquiriu essa habilidade misteriosa para me ajudar, porque sente minha dor e quer aliviar meu sofrimento. Mas Bolt começa a dizer verdades que talvez eu não esteja preparado para ouvir. Ele aponta como eu me afasto das pessoas, como eu não permito que ninguém me ajude e como estou me fechando em uma espiral de tristeza e rancor. Essas revelações me revisitam memórias e traumas que tentei há muito tempo enterrar. A relação com Bolt, antes um refúgio de conforto, torna-se um espelho doloroso da minha própria alma. Não é tão bom ouvir verdades atiradas assim de uma forma tão... canina.

Bolt me conta que sua capacidade de falar é temporária e que, na verdade, ele nunca deveria ter essa habilidade. Ele revela que “deu tudo de si” para me ajudar Alex — e que isso era sua última missão antes de “partir”. Penso: “Não! De novo, não!”

Com o passar dos dias, Bolt começa a enfraquecer, física e emocionalmente, como se cada palavra que dissesse o estivesse consumindo. Percebo que estou perdendo meu único companheiro. Até que um dia, Bolt me avisa:

- *Você sempre teve força para continuar. Eu só queria que você acreditasse nisso.*

Bolt, então, morre, deixando-me em mais um momento de luto profundo, mas agora também com um novo senso de propósito.

- Já está na hora de você acordar e enfrentar a vida novamente.

Acordei com Isabel sentada na cama, atirando na minha cara uma verdade que estive relutando em aceitar desde que Isadora morreu.

Shisha no kiteki

Minakami parou de falar desde o acidente. A mulher o leva semanalmente ao psiquiatra, que diagnosticou se tratar de transtorno de estresse pós-traumático, tem até sigla para isso: TEPT. O chefe da estação, por outro lado, com a costumeira falta de empatia no trato com seus funcionários, chama de fraqueza.

— Você tem que seguir em frente, Minakami. A sua vida não pode ficar paralisada por causa de um lunático que resolveu se jogar na frente do seu trem.

As palavras de Gunma poderiam animar um pouco o parceiro, se não viessem embaladas com emoções congela-

das, insensíveis e monótonas como resmungos eletrônicos de uma máquina japonesa. Soavam como ordem, não como conselho nem como tentativa de ajuda. Não havia nada nesse chefe que parecesse com um mínimo estímulo para a recuperação mental do pobre Minakami. Na consideração de Gunma só havia o problema de que o quadro de maquinistas tinha menos um funcionário para enfrentar a escala, que já era suficientemente cruel com o quadro completo. E esse episódio disparou nele a neurose de uma infestação epidêmica de *burn out* entre os trabalhadores da ferrovia. Basta outro maluco se atirar nos trilhos ou qualquer bobagem desse tipo, essa era a ideia persecutória dominante na imaginação daquele ser mesquinho que controla os funcionários da estação Doai.

Mas, finalmente, Minakami é dado como apto para retorno ao trabalho. Muito mais uma conquista dos esforços brutais de convencimento de Gunma sobre a equipe médica do que propriamente uma vitória sobre a perturbação mental. Nos bastidores, apenas o colega mais próximo, Tanigawa, demonstra alguma empatia.

— Eu sei que é difícil, que você está ainda muito impressionado com tudo isso que aconteceu... — disse, certa manhã, entregando-lhe uma garrafa de café. — Mas você precisa descansar. Essas olheiras não mentem.

Minakami apenas assentiu frouxamente. Não teve coragem de contar a Tanigawa que para ele não havia mais salvação. Descansar lhe parecia um privilégio cada dia mais inalcançável: toda vez que fechava os olhos, ouvia o apito do trem se transformar em grito.

Na primeira saída noturna, escalado para a rota Doai Village, Minakami conduz um trem quase vazio. No primeiro vagão, o único ocupado naquele horário insano, apenas

alguns passageiros dispersos: um casal de jovens alpinistas voltando da escalada, um turista alemão de chapéu puído e botas sujas e um rapaz com uma mochila imensa, lendo à luz fraca da luminária do assento.

O silêncio é cortado apenas pelo rangido metálico dos trilhos e pelo bafejar escaldante do vapor da caldeira. Repentinamente, sem que ninguém tenha acionado, ouve-se o apito do trem. Na cabine de controle da locomotiva, o rádio interrompe uma canção de Fujiyama e, entre estalidos e chiados, ouve-se uma voz emergindo do escuro.

— Mina...kami... Mina...kami...

A voz arrastada, sussurrante, truncada com roncões e grunhidos.

Minakami vai até o receptor, liga o sistema de comunicação e aperta o botão do transmissor, mas só tem estática como resposta. O coração descarrilha. Na sua mente, o diagnóstico do psiquiatra ecoa em ondas horripilantes: alucinações auditivas. Olha o reflexo no vidro da cabine e pensa ter visto, atrás de si, por um instante, o rosto ensanguentado do homem atropelado. Vira-se depressa. Nada além do banco vazio. Resolve checar os vagões. O casal dorme, o velho raspa uma das unhas da mão esquerda com um canivete. O rapaz levanta os olhos do livro e o encara, desconcertado pela interrupção na leitura. O livro está ótimo.

— Está tudo bem, senhor? — pergunta.

Minakami demora a responder. Alguma coisa, talvez o pânico, traz a sua voz de volta.

— Só uma verificação de rotina.

Mas sua voz sai da garganta completamente trêmula e indefesa, tem que repetir a resposta com mais energia e

convicção. Isso faz a moça acordar e fixar o olhar em Minakami, desconfiada. Ele tenta disfarçar com uma tossida e agarra-se no banco da frente, para continuar sua inspeção pelo trem. Nada no segundo vagão. No terceiro e último, encontra algo que derrama mais alguns mililitros de adrenalina na corrente sanguínea: uma mancha escura no assento. Sangue fresco. Toca com os dedos, mas eles voltam secos, limpos. Quando pisca, a mancha havia desaparecido. De volta à cabine da locomotiva, Tanigawa surge pela porta lateral.

— Minakami, o que você está fazendo? O trem está acelerando demais.

Tanigawa fala isso já abrindo o painel de emergência, tentando puxar o freio. Mas alguma coisa bloqueou o contato de desligamento. O trem acelera cada vez mais.

— Você não está ouvindo?

Mas Minakami não está mais ouvindo o colega. Só consegue ouvir passos arrastados se aproximando pelo corredor. O fantasma surge outra vez para ele, parado na entrada da cabine. Rosto desfigurado, roupas encharcadas de sangue. O trem quase descarrila por causa da extrema velocidade.

— Você me trouxe até aqui... — diz o fantasma.

— Pelo amor de Deus! — chora Minakami.

— Minakami... não tem ninguém! — grita Tanigawa, arregalando os olhos e colocando-se entre o amigo e a porta, para tentar puxá-lo da alucinação.

Minakami cai de joelhos, tremendo, ignorando os apelos de Tanigawa e implorando pelo perdão da culpa em sua mente. O trem fura o túnel desgovernado e explode na

última plataforma da estação, ainda em construção. O acidente horripilante não deixa nenhum sobrevivente. É quando o apito ecoa de novo, longo, arrastado, mas dessa vez vindo de dentro do túnel enfumaçado. Do lado de fora, perseguindo lentamente o trem, vultos vaporizados se alinham nos trilhos, uma multidão silenciosa de seres, sem alma e cheios de arrependimento, em busca da última estação de Doai.

Baderna

Todo ser humano chega neste mundo com um Deus instalado dentro de si. Alguns trazem de nascença um vigor predominantemente solar que ilumina e aquece as pessoas com as quais estejam em contato. Outros padecem anos lutando contra alguma antipática predisposição ancorada incógnita no temperamento e por isso perdem um tempo considerável recuperando afetos perdidos nas sombras da vida. Há quem melhor alimente uma essência que percebe de forma mais poderosa a presença da beleza na natureza e, por necessidade intrínseca, a reproduz, a modifica ou a elabora obsessivamente em seus legados pela Terra. São energias que consomem a sua própria existência rastreando vias pelas quais consigam emergir do íntimo pessoal de cada um

para a realidade mundana, com a obstinação de cumprir a missão para a qual foram geradas. Toda pessoa que conhecemos tem em si embutida alguma preponderância no sistema vetorial espiritual que manipula as linhas de seu próprio destino. Sim, é nisso que creio.

Marietta nasceu em 1828 na cidade de *Castel San Giovanni*, uma cidade portuária militar a meio caminho entre Florença e Gênova, com o Deus do Movimento embalando seus sonhos e seus passos pela Terra. Na escola, completamente irrequieta por natureza, foi sentenciada pelos deuses da Inveja a uma vida de fracassos nas letras e nas ciências, abandonada pela seriedade acadêmica e estigmatizada como endiabrada pelas *nobili donne* do começo do século XIX. Logo foi afastada do convívio das *scolarettes*, que, a meu ver, não mereciam conviver com criatura tão abençoada.

Temos certamente um destino irrefreável a cumprir e, para isso, a sorte do Deus de Marietta arranhou que ela viesse a este mundo pela família de um médico-cirurgião. E este, ora vejamos, filho de amantes do ar em movimento, tinha dentro de si o Deus da Música. Este educou Antonio a reconhecer o verdadeiro destino de sua filha, maldosamente profetizado pela sociedade conservadora italiana da época como inútil e nocivo. Antonio era médico sim, mas nas horas vagas da profissão, as melhores horas de sua vida, permitia que sua interna divindade viesse a público soprada de dentro de uma clarineta. Logo o estudo apaixonado pela música o levou ao piano, executando peças de Bach e modinhas que ele mesmo compunha. Melhor dizendo, modinhas que a divindade criava e pouco a pouco entregava já domadas ao desembaraço de Antonio, expressas em símbolos flutuando sobre pentagramas comprados numa livraria antiga da Via Canova.

Foi num desses momentos extraordinários, nos quais o ânimo desarmado sobrepuja os artifícios da profissão formal, que Antonio compreendeu melhor a presença incontestável do Deus de Mariette. Convencido de que há caminhos pessoais que obedecem ao entrecruzar ancestral dos planetas, a colocou imediatamente numa escola de dança. E assim corrigiu o falso destino prolatado na sentença lavrada pelo preconceito, pois a Antonio cabia cumprir os desígnios do seu tempo e da sua humanidade. Ele não perdeu a oportunidade, outorgou à filha uma chance de demonstrar ao mundo a sua importância e sua infinita capacidade de amar o movimento e as pessoas transbordantes de cinesias.

Com menos de 16 anos, Marietta já começava a coreografar suas inquietações sobre os palcos italianos e não teria completado ainda duas décadas de vida quando Paris a viu sair das coxias indiferentes do *Théâtre de la Porte Saint-Marti* para uma calorosa aclamação pública, ou, como alguém diria na época: direto para o estrelato. Dançou sobre a alegria, sobre a tristeza, sobre o espanto e sobre a teimosia. E o fez sempre com tanto amor e entrega que o público se apaixonou pela luminosidade e pela gentileza que Marietta deixava atrás de cada *Sauté*, de cada *Pirouette* e de cada *Grand Jeté* desferidos em cima do tablado e cujos rastros permaneciam na memória de cada espectador por semanas a fio, como um encantamento da alma que antídoto nenhum era capaz de diluir.

Aos vinte e seis anos, os ventos da providência empurraram as velas do navio de Marietta para um novo continente, atravessando o oceano e abençoando o império tropical com a presença das artes buliçosas da jovem *ragazza*. Ei-la agora performando seu natural alvoroço entre comadres brasileiras, lampeiras, frenéticas, turbulentas e desavisadas da potência muscular da novata italiana e seu socialismo

utópico. Esmagadas pelo assombro, nunca haveriam de reconhecer elementos tão pouco protocolares e estupefações cênicas tão heterodoxas. Encontraram, nessa revolução de passos do *ballet*, vapores dionisiacos invadindo o território tradicional, burocrático, do que se conhecia como apolíneo. Marietta trouxe, para o repertório clássico, a dança nascida no imprevisto da alma, forjada no fascínio da confusão e turbulenta como a entidade que projetava o corpo dela em qualquer palco, seja na Europa ou seja no Brasil.

No último capítulo que nos interessa falar sobre a divindade de Marietta seria um verdadeiro crime não mencionar que Marietta saiu às ruas do Rio de Janeiro e nelas encontrou não apenas uma pessoa, não apenas um corpo de baile, mas encontrou todo um povo compartilhando o mesmo Deus do movimento. Marietta não sabia exatamente quem eram esses dançantes, mas seu ente interno compreendeu imediatamente que essas pessoas estavam amalgamadas com os mesmo processos energéticos da sua estrutura. Eram elaborados com a mesma magia, enfeitiçados pelo mesmo encantamento, contaminados pelo mesmo parasita. Marietta dançou com eles na rua, nas praças, nos celeiros, nos prédios e nos teatros, no ontem e no amanhã, no interno e no externo, no consciente e no inconsciente. Marietta dançou porque é para isso que ela nasceu e foi por isso que ela teve que atravessar o Atlântico e aqui encontrar o outro pedaço da sua existência. Suas danças ultrapassaram todos os limites do pequeno alcance do conhecimento dos não-dançantes da época. Amaram, odiaram, rugiram, berraram, sofreram e se encantaram. Mas ninguém ficou indiferente aos movimentos que o corpo de Marietta desenhava no espaço. Tanto que seu nome timbrou um conceito que poucos seriam capazes de compreender verdadeiramente naquele instante e naquele patamar de entendimento, talvez isso se

aplique até mesmo para a maioria das pessoas da atualidade. O Rio de Janeiro nunca mais foi o mesmo depois de Marietta Baderna.

Fácil

- Contemplar as estrelas à noite é muito fácil ...

Dito isso,

pegou um garfo,

encostou-o sobre o peito

e deu duas marteladas com o salto do sapato.

Na primeira,

o garfo bateu numa costela

- um barulho de metal deslizando sobre o osso -

e só conseguiu rasgar a pele do tórax.

Na segunda,

afundou carne adentro,

fácil, fácil,

até atravessar o coração.

- impulsos neuróticos torceram o fluxo dos fluidos no fundo da cozinha.

Mas hoje,

olhando através da vidraça,

tudo me parece

muito fácil.

Sintra

Não há um só recanto que não seja um poema”, escreveu Eça de Queiroz sobre a vila de Sintra, vizinha de Lisboa. Até hoje o povoado de Sintra se recusa a ser elevado à condição de cidade, entrincheirado numa resistência calada, em defesa de algo que não nos é dado compreender estando nós séculos distantes dessa ancestral vivência suburbana.

Mas quem acaba conhecendo esse reduto, mesmo que seja por alguns escassos momentos, é invadido por uma nostalgia de tempos longínquos, aprisionado delicadamente por um encantamento que faz vibrar mais intensamente alguma saudade inexplicável. Inicia-se então um ciclo de afetos indescritíveis que alguns tentam completar como uma missão de vida, mesmo sem compreender o porquê da pre-

sença dessa poesia natural encravada nos mistérios da vila.

Pois era nesse território brumoso, um composto poderosamente sedutor de paisagens encantadoras e simbolismos infinitos, que o “nosso” Glauber Rocha queria encerrar a sua conta neste plano terreno, mas – antes que você pergunte –, não o conseguiu. O que Eça tinha poeticamente declarado, Glauber expressou de forma mais dramática: “Sintra é um belo lugar pra se morrer”. Cada um no seu estilo, cada um vê o que quer ver. O cineasta previu o ano de sua morte, mas errou o lugar: poucos dias antes de entregar os pontos e a alma ao Criador, foi levado de ambulância para Lisboa e de lá entrou no avião entubado para o Rio de Janeiro, onde morreu contrariado.

Mas que raios de atração Sintra faz brotar no coração de algumas pessoas? Será o seu ambiente nevoento, suas escarpas traiçoeiras, seus rochedos impressionantes, suas casas incomuns, em perpétuo crescimento regado pela imaginação de seus incomuns moradores, plantados numa cidade incomum? Ou seria a ambiciosa possibilidade de aprender e dominar linguagens outras da alma, percorrer atalhos para mundos escondidos e esquecidos?

Arrisco: que seja o fluido dos mistérios inomináveis que circula no coração das pessoas o que as empurra incontavelmente para esse inexplorado território da existência. Ali a natureza furou montanhas com seus desbravadores rios de lava e fúria, abrindo caminhos e conexões entre rochas e sentimentos nunca antes percebidos. Acredito que exista, em cada coração, uma zona não iluminada, incompreensível para a razão, de in experiências a explorar, de vontades a serem consumidas e satisfeitas, de mistérios que podem ser deslindados. Ouso sugerir que essas querências habitam a região infantil da curiosidade e seu mecanismo opera mo-

delado pela incansável persistência humana de entender o que se passa ao seu redor e dentro de si mesma. Pertencem a um universo de encantamentos no qual nunca obteremos respostas convincentes oriundas do terreno da lógica e, por isso mesmo, nos envolvem e nos atraem de forma irresistível. Assim é Sintra, a vila que se recusou a crescer.

A Sombra

Roger sentia-se importunado por algo que não compreendia. Não percebia um perseguidor de carne e osso, mas algo etéreo, uma presença inquietante que o acossava, incógnita, nas vielas à luz do entardecer, no quarto escuro durante a madrugada, no reflexo distorcido das vitrines empoeiradas. Não era medo do escuro, nem dos vultos que dançam atrás de portas entreabertas. Era um desconforto crescente ao pressentir uma presença indefinida, muito próxima, dia após dia mais estranha e ameaçadora.

Num belo dia primaveril, acordado pela claridade nas paredes e pelo barulho de um caminhão rabugento coletando sacos de lixo empilhados na rua, Roger senta na cama ainda sonolento, calça os chinelos e vai até o banheiro urinar. Levanta a tampa do vaso e arregala os olhos para não

errar o jato. É quando percebe a falta de alguma coisa, uma lacuna na rotina que não sabe muito bem ainda o que pode ser. Melhor passar uma água no rosto, dar uma chacoalhada na preguiça. Abre a torneira da pia, molha bem as mãos, faz conchinha e enche com o líquido despertador. Lava a face, aperta bem o canto dos olhos, passa mais uma água para remover as remelas, esfrega de novo as mãos no rosto e pega a toalha pendurada na parede. Tudo isso ele faz praticamente de forma automática, de olhos fechados, começando a organizar mentalmente a ordem das providências do dia.

Trabalha numa pequena livraria no centro, infestada pelo cheiro de papel velho, cemitério de histórias abandonadas, onde o silêncio havia se tornado sua principal companhia. Aquele particular pedaço do mundo transformou-se, por desígnios próprios, no domínio imperial de Roger, seu habitat natural e sua razão de existência, rodeado pelos heróis literários de todos os tempos e pelos enredos compostos há séculos e séculos antes de herdar a livraria da mãe. Era para lá que ele agora dirigia seus pensamentos organizacionais: já estava na hora de abrir as portas do seu negócio e, por razões puramente egoístas, continuar aquele conto de *Hawthorne*, “O Véu Negro do Ministro”. Ah, sim, há os clientes, raros, mas que, não se sabe como, são capazes de adivinhar os meandros das linhas dos livros e chegam sempre quando a leitura começa a ficar mais envolvente. Cacos do ofício, é preciso encher a despensa e ter algo na geladeira, por isso vale a pena marcar a página e continuar a leitura depois. A mente de Roger, portanto, já havia chegado à livraria e antecipava os atendimentos que faria durante o dia, mas é preciso levar o corpo também. Caminha na rua, pensando nas estranhezas do pastor *Hooper*, passadas curtas acompanhando o ritmo dos cantos dos pássaros, trepados nos fios dos postes e nas pequenas e es-

parsas árvores nos canteiros da calçada, quando se dá conta, finalmente, da ausência.

Roger agora olha com atenção máxima as pessoas que passam. Atenta que atrás delas, sempre na direção contrária da luz e vergadas pelo ângulo do sol, acompanham-nas, em maior intensidade ou menor contraste, as sombras. Ele perscruta as sombras dos pedestres passantes, dos postes, dos carros estacionados, das árvores, dos cachorrinhos que passeiam ao lado de seus tutores. Sombras movimentam-se conforme a inquietação de seus donos ou permanecem letárgicas, encostadas nos muros, entortadas pela mudança de ângulo das esquinas. Mas estão todas lá. Negras como o véu do pastor. Fortes quando o sol aparece, fracas quando as nuvens passam. Tontas, irrequietas, alongadas ou esmagadas, aprisionadas aos seus naturais proprietários. Todas presentes e atuantes. Menos a sua própria sombra. Roger não consegue encontrar, em lugar nenhum, em nenhum ângulo ou nenhuma direção, a sombra que deveria acompanhar seu corpo acorrentada pelos pés.

Parou diante da vitrine da livraria, onde gostava de observar, além das capas dos lançamentos e dos *best-sellers*, o seu reflexo, como quem se certifica de que ainda existe no mundo real e conhecido, onde as coisas comportam-se de maneira lógica e racional. Mas, nesse dia, o reflexo estava incompleto: ali estava o homem, com o casaco puído e o mesmo olhar cansado das décadas de solidão entre livros, mas não havia sombra que o acompanhasse no chão da calçada. Franziu mais uma vez o cenho, “agora estou acordado mesmo”, virou-se novamente para o chão, onde a luz do poste deveria desenhar a sua silhueta, mas o asfalto permanecia nu. Agachou-se, massageando os olhos, certo de que era apenas sonolência ou efeito do nevoeiro. Tentou rir de si mesmo, mas o som saiu rouco, seco, como se a fé na ciência

tivesse fugido junto com a sombra.

O resto do dia foi um tormento. Na livraria, as lâmpadas lançavam as sombras tortas dos móveis e das estantes, mas de Roger, não importa onde se posicionasse, não se projetava nenhuma. Um frio viscoso percorria a espinha de cima para baixo, do meio para as pontas. Sentia o peso do olhar dos livros antigos e as lombadas cobertas de poeira pareciam traiçoeiras, como se sussurrassem entre si um segredo que ele jamais entenderia. Ao final da tarde, ninguém apareceu mesmo, fechou a loja mais cedo, incapaz de suportar solitariamente o desconforto da condenação. Caminhou de volta para casa, evitando encarar o olhar curioso dos poucos transeuntes, certo de que todos o culpavam pela fuga da sombra. Teria ele, de alguma forma, a magoado tão gravemente?

Jantando na lancheria, tentou distrair-se com o som de xícaras tilintando e conversas abafadas, mas não conseguia tirar da cabeça a ausência da eterna parceria. Seu corpo tinha a falta de algo elementar e sua alma tinha um buraco tremendo a lhe sugar a saúde mental. Sentia-se despido, vulnerável, indefeso, como se todos soubessem e apontassem um dedo imaginário para a sua deformidade, gritando silenciosamente que lhe faltava algo fundamental. À noite, deitado na cama, sentiu a solidão crescer até preencher todas as frestas do quarto. Ligou a luz, depois desligou, procurando a silhueta familiar na parede. Nada. Apenas o vazio. O silêncio tornou-se implacavelmente acusador e Roger percebeu que, junto com a sombra, perdera também o sono e a tranquilidade que lhe era companheira cotidiana. O relógio avançava cada minuto com a precisão de um carrasco.

Nos dias seguintes, a ausência tornou-se insuportável.

Começou a notar comportamentos estranhos das pessoas ao seu redor. Donos de lojas fechavam as portas quando ele se aproximava. Crianças apontavam-no na rua e cochichavam, como se vissem nele algo monstruoso. Até os cães latiam, inquietos, fugindo dele como se pressentissem um perigo invisível. Roger buscou explicações. Consultou médicos, que riram da sua preocupação como se fosse um devaneio de uma mente cansada. Procurou padres, que o benzeram e sugeriram dormir com uma cruz ao lado. Visitou um velho alfarrabista, que lhe ofereceu um livro raro sobre criaturas das sombras, escrito em latim, mas as palavras eram indecifráveis, e as ilustrações apenas aumentaram o seu terror. Procurou um físico muito famoso que o correu covardemente do laboratório, incomodado com a incerteza do inexplicável.

A sensação de ser observado intensificou-se. À noite, imaginava ouvir passos no corredor, sussurros vindos do guarda-roupa, o ar ficando gelado ao seu redor. Um dia, cruzando uma esquina antiga, viu algo impossível: uma sombra, independente, deslizando pela parede diante dele, sem dono, sem corpo, como uma mancha de tinta viva. Ela dançou, contorceu-se, imitando os seus movimentos, até desaparecer numa fresta entre os tijolos. Desesperado, Roger passou a evitar espelhos, vitrines, qualquer superfície que pudesse denunciar o incômodo da ausência. Vestia-se com roupas largas, andava cabisbaixo. Mas era inútil: a cada passo, algo parecia segui-lo, mais próximo, mais audível, como um sussurro ao ouvido. Certo dia, acordou coberto de suor e percebeu, com horror, que a ausência da sombra tornara-se uma presença: invisível, mas opressora. Ela não estava presente fisicamente, mas o assediava com obsessão maníaca. Roger nunca mais foi o mesmo. Tornou-se uma figura espectral nas ruas da cidade, evitado por to-

dos, sempre seguido por uma sombra errante, que às vezes se afastava, brincando nas paredes e desaparecendo nos becos. Aos poucos, foi compreendendo que sombras não nos pertencem realmente. São testemunhas silenciosas, prontas para reclamar o que um dia lhes foi tomado

Numa madrugada sufocante e interminável, decidiu enfrentar aquilo que não compreendia. Deixou que a paranoia o levasse até ao subsolo de um edifício, onde as sombras eram densas e a luz parecia nunca ter existido. Ali, entre paredes rachadas e odores de umidade e podridão, encontrou um espelho antigo, coberto de teias. Aproximou-se, sentindo o coração martelar contra o peito, e fitou o próprio reflexo. Não havia sombra, mas por trás da sua imagem, entre as sombras reais, vislumbrou olhos brilhando num preto impossível. Foram segundos eternos. Os olhos tornaram-se mais claros, e uma forma indistinta começou a emergir do escuro. Roger sentiu o seu corpo preso, incapaz de se mover. Sentiu-se diferente, vazio, como se tivesse deixado para trás algo essencial. O espelho agora estava rachado, refletindo apenas fragmentos da sua figura. Tentou gritar, mas a voz não saiu. Ao olhar para o chão, viu que a sombra regressara, mas não obedecia aos seus movimentos. Dançava sozinha, distorcida, como uma entidade independente.

No dia seguinte, o zelador do edifício encontrou o corpo gelado de Roger, caído no chão do estacionamento do subsolo. A perícia nada encontrou que justificasse aquela morte, então definiram preguiçosamente como mal súbito. Vizinhos e clientes que o conheciam depuseram que nunca o tinham visto tão magro e pálido, crianças juntaram os livros caídos ao lado de seu corpo. Num deles, o Volume I de *Twice Told Tales*, marcava a página 45. Outros ocupantes curiosos do edifício que foram acompanhar os trabalhos da polícia e dos técnicos do Instituto Médico Legal, relataram

ter visto alguém se mexendo entre os carros. Parecia usar roupas escuras e se deslocava em absoluto silêncio. Mas a polícia nunca levou a sério esses depoimentos pois não encontrou nada no local a não ser sombras.

A Fortaleza De Weinsberg

Os dois sentinelas do acampamento levantaram os fuzis e miraram no peito do visitante. O mensageiro enviado pela fortaleza sentiu as pernas derretendo sobre as botas antigamente pretas, agora couro cinza enrugado. Antes que desmoronasse, seguraram-no pelos braços finos, esqueléticos, contraindo os narizes porque alguma coisa os incomodava no fedor forasteiro daquelas axilas. Um cheiro terroso golpeou o olfato dos soldados, dominando o ar com um aroma penetrante e envolvente. O efeito colateral e momentaneamente incompreensível dessa repugnância foi disparar neles um extremo senso de nostalgia, vertendo, no sentimento dos soldados, pungentes lembranças das pontes de pedra e aquedutos arruinados da Francônia. Mais tarde

haveriam de entender que naquela experiência os sentidos os traíam, dissimulando o odor intrínseco da melancolia, que os tinha encontrado pelos sovacos do inimigo.

Trouxeram-lhe uma caneca d'água. Como não conseguia nem levantar direito a cabeça pela fraqueza das poucas forças, despejaram sem delicadeza o líquido em sua nuca. Abriu os olhos e esfregou as mãos nas pernas, procurando certificar-se de que continuavam ali. A mente, regressando do refúgio da inconsciência, lutava ainda contra a aflição da insensatez geral, que havia evoluído nessa época para um estágio extremamente contagioso. Sentia que as tentativas de raciocínio emergiam intermitentemente na consciência, afogadas por lampejos de cenas de combate: cavaleiros despedaçados; flechas zunindo; vultos tropeçando agonizantes, derretendo em chamas; pedaços de braços, pernas, cabeças; troncos e famílias fragmentando-se na escuridão da violência do mundo e destruindo o que restava do seu juízo. Conseguiu interromper o escoamento desse pesadelo quando lembrou da importância da missão: centenas de vidas em estado máximo de angústia à espera de um milagre na fortaleza.

Os olhos esgazeados do fiapo de gente, estatelado na cadeira da tenda, desenterraram alguma piedade do peito dos dois sentinelas, que buscaram préstimo no oficial imediato em plantão. Enquanto os três discutiam a melhor forma de resolver as minudências do caso, o mensageiro começava a testar alguns movimentos, recuperando aos poucos o controle das pernas finas e trêmulas. Finalmente, o grupo decidiu levar o suplicante à presença do Rei, sem esquecer de revirá-lo numa desavergonhada revista. Atravessaram o perímetro de defesa pela manhã ainda alvorecendo no horizonte. Adquiriram uma escolta crescente a partir do início da área militar, margeando a zona das máquinas paradas por

força do armistício temporário, durante os festejos de São Nicolau. Subiram a colina central já começando uma tarde chuvosa, seguindo a hierarquia das tendas de comando, até chegar nos alojamentos reais.

Quanto mais perto chegavam do Rei Konrath, o terceiro de sua estirpe, mais espantosamente crescia a multidão viva conduzindo o representante dos quase mortos. Relinchos teimosos vindos do estábulo real elevavam ainda mais a temperatura nervosa do ambiente, enchendo os corações das infantarias e dos cozinheiros de dúvidas órfãs e tecendo uma rede invisível de eletrizante mistério e sufocada animosidade. Quem lá estava naquele momento foi alcançado por uma histeria subcutânea, conduzida por rancores mal resolvidos e pelo desejo irracional de vingança entre contrerrâneos fanatizados. Por pouco a intensidade crescente da voltagem emocional não levaria a situação a um transbordamento dos fluidos bárbaros, com o consequente desfecho em selvageria. Mas a indignação militar, ora vemos só, cumpre sua encenação só até o ponto de uma vulgar companheirada, obrigação velada entre parceiros de armas. Assim, caminhava o mensageiro entre maus olhares, zurros, urros e pensamentos patifes dos sitiados numa trilha de estupidez. Espetáculo de zanga à parte, certo é que há de se dar efeito concreto à petição, escandalosamente desesperada nas suas pretensões, drasticamente decisiva quanto às consequências e insuportavelmente urgente para as almas cercadas na cidade sentenciada.

O mensageiro dos sobreviventes na fortaleza, finalmente, vê-se frente a frente com o Rei Konrath III. É o momento mais desesperadamente importante em toda a sua breve vida. Prostra-se aos pés do Rei tal como a cidadela encontra-se qualificada: à beira do portal da morte. Entre soluços de choro, derrama os lamentos da cidade e implora

pelas vidas dos resistentes. Konrath considera-se fogoso e imbatível. Entre seus brutais hemisférios cerebrais desfila solitária a ideia de como esmagar mais facilmente cada um dos repugnantes Welfs encarcerados no cerco do desalento. Mas eis que também deseja demonstrar à sua nova pretendente uma faceta magnânima, borrifar naqueles lindos olhos castanho-claros uma declaração de carinho e civilidade, uma prova de que é capaz de esbanjar superioridade explícita até perante seres rastejantes e imundos. Também não pode se deixar de considerar que o momento de envolvimento com as liturgias de Natal seria uma péssima moldura para um massacre geral e completo, o seu fetiche original. Resolve conceder um mimo real e ministrar atenção àquela canalha, até mesmo para surpreender seus raivosos patriotas idólatras.

– Convoco perante esta Corte minha magnanimidade e, em nome da augusta Casa de Hohenstaufen, hei de atender à súplica desses miseráveis. Que este ato sirva para demonstrar a superior virtude e a moralidade inabalável de nossa linhagem.

Enfiou uma pausa no discurso e rosnou baixinho, para limpar a garganta e para aumentar a espetacularidade da sua indulgência. Continuou.

– Contudo, apenas as damas da cidade, as verdadeiras heroínas desta nefasta tragédia, merecerão o perdão real que agora concedo.

Finaliza numa ordem, que é a propriedade absoluta de um rei.

– Ide, mensageiro, e anunciai que somente às mulheres de Weinsberg será permitido abandonar os muros da cidade, levando consigo apenas aquilo que conseguirem

carregar!

Mais uma pausa...

– E só!

Estendeu esses dois monossílabos o tempo suficiente para olhar de um lado a outro da multidão, hipnotizada pela solenidade da circunstância.

– Que se cumpra minha palavra, pois assim dita a clemência de minha coroa.

...

Agora o mensageiro tem mais um angustiante percurso a cumprir e um anúncio ainda mais doloroso, pois na fala pomposa do Rei ficou evidente a carnificina declarada: nenhum homem sobreviverá ao ódio faminto de sangue dos Hohenstaufen. Isso estava claro na malandragem implícita do anúncio real: a interrupção completa da dinastia Welfen. Então, ele perambula já sem vontade de chegar, vagando cabisbaixo pela antiga trilha da floresta negra, espantando com os longos braços finos os rasantes dos melros estressados pelo odor da morte nos recantos antigamente floridos do Heilbronn. As narinas do mensageiro já estão acostumadas aos vapores cadavéricos, pois tinham passado nesse mesmo lugar na viagem de ida até o acampamento dos sitiados. Apesar do cenário surreal, ostentando montanhas de corpos desmembrados por todos os lados, colinas banhadas com sangue dos sacrifícios militares e revoadas de urubus planando sobre esse chocante panorama de cadáveres insepultos, o mensageiro mantém sua atenção concentrada nas palavras do Rei. Será pior, bem pior, se o monarca cumprir

sua jura. Escondidos pelos troncos das árvores multisseculares, desencarnam fantasmas conhecidos do mensageiro, acompanhando-o na sua jornada e tentando absorver como esponjas espirituais a tristeza do andarilho, num último ato de amor antes da própria impermanência. A muda solidariedade fantasmagórica anula em parte o fracasso da lógica e libera um resto de intuição na mente do mensageiro. Uma ideia lhe vem à cabeça, capaz de transformar o predominante sentimento calamitoso numa partícula poderosa de esperança novamente.

...

No dia seguinte, 21 de dezembro, às portas do Natal do ano de 1140, o Rei Konrath III, liderando as grandiosas hostes militares germânicas, aperta o cerco à fortaleza de Weinsberg com regimentos de infantaria quase infinitos sob seu comando. Dispostas as tropas ao redor dos muros, posiciona os arqueiros na frente dos portões parcialmente desmantelados do feudo, um obstáculo ridículo ante a potência dos aríetes e das catapultas. Konrath não precisa mais invadir os muros, os portões principais da cidadela não resistirão à primeira carga. Mas o Rei ainda aguarda um sinal antes de demolir as defesas terminais da cidade, sabe que os sitiados já viram as tropas chegando. “Certamente, empurrarão as mulheres para a salvação e morrerão lutando, como todo bom germânico, mesmo do tipo cachorro sarnento, deve proceder”... pensa o Rei enquanto cavalga para a entrada principal, à espera da saída das detentoras do salvo-conduto. Ombreado com o Rei, cavalga com ele todo o Conselho de Guerra, pronto para comandar as matanças logo após a saída das senhoras.

Os portões do castelo são abertos, despedaçando as

enormes dobradiças brutalmente agredidas nos vinte dias de feroz cerco. Aquelas portas de carvalho da Schwarzwald, confeccionadas na guilda de Weinsberg, salvaram a vida de quase trezentas pessoas, mantendo-se bravamente em pé ante a insistente selvageria dos soldados reais. Pela abertura da fortaleza, uma fumaça escura e pestilenta retirase carregando consigo os miasmas da dor e da disenteria e fugindo covardemente do ambiente inóspito e macabro que se tornou o feudo. Em seguida, inicia o desfile para o campo aberto, em fila indiana, dos andrajosos velhinhos de Weinsberg, arrastando-se com ajuda de paus e muletas. “Inofensivos e plenos de lamúrias, morrerão em seguida...” imagina o Rei.

Em seguida, vêm as mulheres. Mas espere! Há algo que elas levam consigo. Seguram, com os braços, as pernas de alguém agarrado às suas costas. Olhe bem, Rei Konrath III! Não apenas os filhos, carregam também os maridos, os guerreiros feridos, triturados, deformados, esmigalhados, humilhados, amassados, moídos pela verdade de sua fraqueza e pela desconsideração da providência, mas salvos pelas mulheres, que os transportam nas costas e assim cumprem o édito real. O Rei acha tão propositadamente engenhosa essa saída desesperada que, enfim, resigna-se de bom grado ao desafio de se submeter à jurisdição de sua própria palavra empenhada. Aquelas mulheres carregam desde sempre não somente seus homens no colo, mas carregam também a coragem, a altivez, a lucidez e a genialidade que toda mulher é capaz de gerar. E deixam como herança para as gerações seguintes essa linda e destemida atitude de pleno amor.

Sem Carona

Um pirralho de quatorze anos, pensando que sabe tudo da vida, esticando o polegar na beira da estrada. O asfalto derretendo a sola do tênis; jeans embrulhando meia dúzia de quilos de carne magra, incapaz de esconder o corpo ossudo. Led Zeppelin retumbando no cérebro ainda despoluído pela neurastenia séria, rotineira e sem graça do mundo adulto. O compromisso firme de não ter compromissos. Assim eu viajei de carona para Santa Catarina quando consegui proclamar o primeiro suspiro de independência na minha vida.

Nem barraca eu tinha, desenrolava um cobertor e me esticava em qualquer lugar. Se fosse fácil, não tinha graça: o que valia a pena era a lenda. O universo inteiro se

movimentando conforme o desejo momentâneo do meu pensamento mágico. Nada que um simples toque de uma varinha não resolva. Fome? Dê-lhe cachaça! Cansaço? Dê-lhe cachaça! Medo? Dê-lhe cachaça! Cachaça? Cachaça! E assim, quilômetros iam sendo engolidos, os dias chegavam azuis e as noites eram dormidas sem muito frio.

As cidades daquele tempo abrigavam alguns remanescentes de um tipo de irmandade que se reconhecia pelo andar arrastado, rumo ao infinito, típico daqueles que não estão muito interessados em saber para onde vão. Simplesmente uma questão de limites: os limites estão onde os colocamos. Então, tudo o que se tem a fazer é não pensar muito nisso e seguir adiante. Próxima parada? Para onde a carona levar.

Mas logo, logo, o peso da realidade começa a se fazer sentir porque não se tem mais a garantia da asa protetora da família. O mundo dos fatos impõe a sua própria linguagem, e nela não há significado lógico para “o poder das varinhas”. Os carros passam e não param. Para onde ir, se não há carona?

Deixar que o destino mande na nossa vida é próprio de um tempo que pertence a algum lugar encantado das nossas memórias. Continuo desconfiando de que Adão foi expulso do paraíso quando era adolescente. Marcado no inconsciente coletivo da humanidade está o mito do rito de passagem, uma condensação da época na qual já não somos mais crianças, mas também ainda não somos adultos. É o tempo de começar a aprender sozinho o que todo mundo passou a vida inteira tentando nos ensinar; é o tempo de conhecer os limites que separam a lenda dos fatos. E, pior do que isso, ter que decidir a escolha sozinho.

Contos Do Tempo E Da Terra, Do Fogo E Do Mar

Entre o tempo e a eternidade, entre a terra firme e os abismos do mar, pulsa a chama destas narrativas. Contos do tempo e da terra, do fogo e do mar reúne trinta histórias que revelam a pluralidade da existência: paixões, memórias, perdas, descobertas e vislumbres de transcendência.

Contos do tempo e da terra, do fogo e do mar reúne trinta narrativas que transitam entre o fantástico e o real, o íntimo e o histórico, compondo um mosaico literário onde a condição humana é posta à prova em diferentes cenários. Cada conto, à sua maneira, captura fragmentos da experiência — da solidão às epifanias, da memória às perdas, do humor às sombras — revelando como o tempo, a matéria e os elementos primordiais moldam destinos. É uma coletânea que convida o leitor a percorrer terras distantes e mares interiores, onde o fogo da criação e a densidade da vida se entrelaçam em histórias que ecoam para além de suas páginas.

